publicação trimestral . ano IV . n:16 . jan/fev/mar 2008

carioquice

publicação trimestral . ano IV . n:16 . jan/fev/mar 2008
ISS 1981-6049

"ai, mulata assanhada que passa com graça"

apud ataulfo alves

ELZA SUPER FELINA

Gata sem vison

carioquice

O boomerangue é o ícone de consumo responsável da AmBev. Ele foi criado para conscientizar as pessoas sobre o uso abusivo de bebida alcoólica. Se beber demais, não dirija. Tome um táxi ou escolha antes da balada o 'amigo da vez', aquele amigo que vai se divertir a noite toda tomando Liber, a nossa cerveja 0,0% álcool, e depois levar a galera para casa. O grande lance do boomerangue é que ele foi totalmente inspirado na sua vida, porque, afinal de contas, 'é mais divertido ir e voltar'. Sempre. **www.ambev.com.br**

é mais divertido ir e voltar

AmBev

Esquina do Ricardo

"ai, que preguiça..."

A quem se queixar dos males que infestam o país? Ao bispo — uma tradição colonial brasileira — já não tem mais sentido.

Embora minha queixa seja antiga, todas as pessoas que pensam este país já se manifestaram.

Claro que estou a me referir aos feriados. Os "dias de pernas pro ar que ninguém é de ferro" que hoje infestam o Brasil.

Impõe-se, na verdade, um estado um alerta geral contra esse descalabro, que é a institucionalização do não-trabalho. Ou seja, uma possível civilização da desordem, da indolência e do casuísmo. De fazer corar sociólogos tão diferentes como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Amado, vivos estivessem.

Mas por que a insistência obtusa de certos legisladores e políticos em propor feriados? O país precisa adotar um comportamento mais severo no relacionamento com o trabalho. Agora, se o trabalho é mal remunerado — e o é em geral — isso nada deve ter a ver com o trabalhar menos. Até porque o axioma é de cruel fatalidade: quanto menos trabalho, mais pobreza, menos riqueza e menor salário.

Os feriados são muitos e quase a serviço do sexo dos anjos. São — em grande maioria — injustificáveis.

Os feriados religiosos estão na tradição dos brasileiros. Mas com a frouxidão dos costumes e dos tempos — o sentido verdadeiro da religiosidade ficou restrito aos fiéis, e só a eles. A Igreja Católica deveria celebrar seus dias reverenciais no recolhimento dos verdadeiros católicos. E nunca optar pelo feriado, pretexto mais que eloqüente para a promíscua celebração secular-profana de todas as gentes. Permitir o feriado seria o mesmo que admitir muito mais o ócio da maioria e muito menos a reflexão dos que gostariam — até pela opção declarada — de seguir o preceito às suas custas, e não às custas da paralisação do país. Da mesma maneira que os outros cultos — judaicos, protestantes, espíritas, muçulmanos e xintoístas — praticam suas datas sagradas, responsabilizando-se por elas. E nunca as impondo aos outros credos. Muito menos ao país, com a pecaminosa perda das riquezas que deixam de ser produzidas, como diria o filósofo católico Alceu de Amoroso Lima.

Quanto às chamadas datas nacionais, onde a tese da paralisação do trabalho — o caminho certo da miséria — também prolifera o exagero.

Pretextos, todos eles invariáveis, para que a última moda da esperteza nacional seja cumprida. E no que vem a ser o pior de tudo: enforca-se o dia anterior ou o dia posterior quando um feriado cai ou na terça ou na quinta-feira.

Uma indecência que nenhum país do mundo se atreveu a admitir.

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 16 JAN/FEV/MAR 2008
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 As sete vidas da tigresa

14 O maestro do maracatamba

20 O precioso acervo de Roberto Moura

Do bem comer e melhor beber

26 As gostosuras das tias da praia

Magia do Olhar

32 O Rio reza na Candelária

Saga Carioca

44 A epopéia do verde e do concreto

50 Buarque de Hollanda – Se todos fossem cordiais como vocês

60 Souvenir de Justino

Causos & Letras

66 A dama do copo furado

Cidade Maravilhosa

72 Era uma vez a Mesbla

Embaixador do Rio

76 Minha sinfomia do Rio
Por Jório Dauster

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Ilan Bar
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Marcelo Carnaval

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Gilberto Assemany
- Gracinha Melo
- Henrique Luz
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luís Fernandes
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oduvaldo de Azevedo Braga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Direito Menezes
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

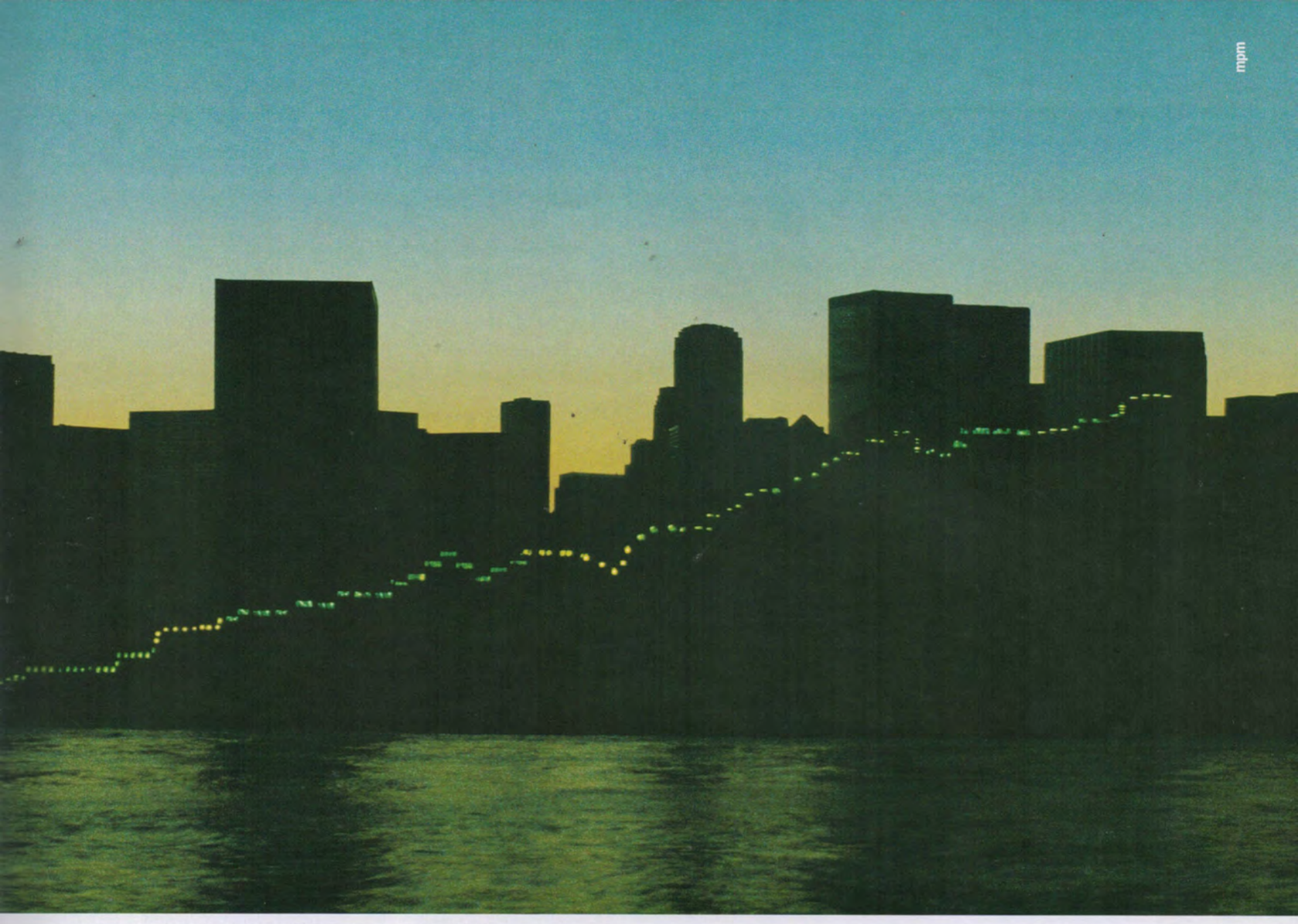
RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br



ustentabilidade. Neste assunto
ma empresa de energia precisa estar
nos-luz à frente. Como a Light.

pois de uma grande virada em sua história, a Light ocupa hoje não só um lugar de destaque na geração, tribuição e comercialização de energia, mas em bons negócios também. E para a Light um bom negócio m que ser bom para o meio ambiente, para os clientes e, principalmente, para você.

ght. Uma das empresas premiadas com o Top Social 2008. Um reconhecimento às suas áticas de responsabilidade ambiental e sustentabilidade empresarial.

LIGT3 NOVO MERCADO BOVESPA · BRASIL

ISE Índice de Sustentabilidade Empresarial Carteira 2007-2008

www.light.com.br

RIO É LIGHT

Light

As sete vidas da tigresa

por Vera de Souza

Recomeçar é a palavra de ordem na vida de Elza Soares. Foram tantos reinícios que a nossa diva do samba perdeu a conta. Fênix do cenário carioca, Elza foi perseguida, incompreendida e espezinhada, mas levantou-se sempre e deu uma requebrada por cima. Uma verdadeira tigresa que tornou-se o que quis. Para efeito de comparação, Elza está para o Brasil assim como Ella Fitzgerald está para os EUA. E ponto final!

O ano de 2007 marcou mais uma das ressurreições de Elza, e ela nem lembra mais quantas foram, onze, doze, não sabe. Saída diretamente de uma cirurgia de diverticulite, a mulata assanhada do Brasil, subiu ao palco e gravou seu primeiro DVD, "Beba-me", uma retrospectiva de seus grandes sucessos. O título, aliás, faz uma referência ao samba "Beija-me", de Roberto Martins e Mário Rossi.

Elza conta que com a ajuda do marido se enfaixou toda e seguiu para a gravação, num show ao vivo. "Me senti muito presa no palco e tive que usar uma cadeira em cena, simplesinha mesmo, daquelas de botequim. O resultado é que depois acabei ganhando uma cadeira linda, em forma de sandália com salto 15, que é a minha cara. E incorporei-a aos meus shows". Típico dessa verdadeira fênix, que, aliás, traz tatuada na perna a imagem da ave. Tatuagens são uma verdadeira paixão para Elza. Ela têm várias e para cada uma, uma história, como a que fez para encobrir a marca de uma cirurgia, quando fraturou a segunda vértebra, numa queda num palco onde fazia um show no Rio. "Eu durmo, quando faço tatuagens e o profissional que me atende há anos nem acredita", diz com a sua voz inconfundível mesclando a frase com os miados de gata no cio com que seduz fãs e namorados. Sem dúvida, ela é dura na queda.

Mas quem é Elza da Conceição Soares, a mulata de uma voz rouca, rasgada, de grande extensão e tonalidade extremamente agradável, que vive sempre quinze centímetros acima do mundo? Sim, esse é o tamanho padrão dos saltos dos sapatos que ela só tira para dormir, por volta das 22 horas e, quando acorda, às 6 horas, não pisa no chão. Calça suas sandálias e sai para a vida.

A história toda começou em Padre Miguel, onde Elza nasceu. Uma das seis filhas de seu

A história toda começou em Padre Miguel, onde Elza nasceu. Uma das seis filhas de seu Avelino Gomes, um operário português que tocava violão, e da lavadeira dona Rosália

Avelino Gomes, um operário português que tocava violão, e da lavadeira dona Rosália. Do bairro ela guardou a paixão pela escola de samba e o segundo time de devoção, o Bangu. O primeiro é o Flamengo. Dali a família iria morar na Água Santa, onde Elza foi criada.

A paixão pela música surgiu ainda no colo do pai, que vivia dizendo às pessoas como sua filha cantava bem, com sua voz rouca e o ritmo sincopado dos sambistas do morro. "Mas quando meu pai viu que ia ser de verdade, tentou impedir e já não deu mais. Naquela época ser cantora era o mesmo que ser prostituta. Era malvista, malquista, mal tudo", conta.

Aos 12 ou 13 anos já era casada e tinha um filho, que nessa época estava doente. A menina mirradinha viu no concurso de calouros de Ary Barroso a solução para ganhar algum dinheiro e tratar do filho. Às escondidas pegou uma saia da mãe, uma camisa larga e uma porção de alfinetes. Enrolou as peças e criou um traje para ir ao programa. Ao entrar em cena, em meio às risadas, Ary perguntou: " De que planeta você veio, minha filha?". A reposta veio pronta e seca: "Do planeta fome, seu Ary".

"Eu fiquei muito triste com aquilo, mas pensei: tinha que encarar. Afinal meu filho estava morrendo e eu precisava ganhar aquele dinheiro para tentar salvá-lo. Aí comecei a cantar e dei um susto no Ary. Dali a pouco ele me abraçou e falou: 'Senhoras e senhores, nesse exato momento acaba de nascer uma estrela'. Ganhei a nota máxima, cinco. Depois da apresentação fiquei sentada, chorando. Não sabia se era de emoção ou se era de raiva. Hoje eu fico pensando se aquilo tudo era preconceito e ele não esperava que eu, uma menina pobre, pudesse dar uma reposta tão inteligente."

Ainda desse dia, Elza lembra que durante o ensaio, o maestro Claudionor Cruz perguntou quem tinha lhe ensinado a cantar assim. "Quem tinha me ensinado a cantar daquele jeito foi a lata d'àgua que eu era obrigada a carregar para cima e para baixo do morro. Toda vez que pegava a lata e colocava em cima da cabeça, soltava um gemido daqueles que dou até hoje", revela divertida.

Era só o início de uma trajetória vertiginosa, cheia de altos e baixos, confirmando a sina da cantora que um dia foi chamada de minha filha por Louis Armstrong, eleita a Cantora do Milênio, em 2000, pela BBC de Londres, e que também teve sua casa metralhada e impedida de cantar.

Operária e lavadeira numa fábrica de sabão, Ela nunca abandonou a idéia de ser cantora. Fez teste na academia do professor Joaquim Negli e acabou contratada para cantar na Orquestra de Bailes Garan e a seguir no Teatro João Caetano. Nessa época viveu um experiência curiosa. Sempre ouvia sua mãe falar de Orlando Silva e um dia o encontrou e pensou que fosse morrer. "O senhor é o Orlando Silva da minha

É possível que o talento seja
um ingrediente essencial
no dia-a-dia de uma mineradora
de sucesso? **Sim, é possível.**

A Vale é uma mineradora global apaixonada pelo que faz e que precisa de pessoas talentosas para continuar sua busca pela melhor forma de fazer as coisas.
Por isso a Vale acredita e investe continuamente no desenvolvimento humano. Se você também é assim, apaixonado pelo que faz, acesse www.vale.com, conheça mais sobre nossas oportunidades de trabalho no Brasil e no mundo e cadastre o seu currículo. Talento, elemento essencial no dia-a-dia da Vale.

VALE

www.vale.com

mãe! Ele respondeu espantado: 'Da sua mãe?'. Aí eu emendei, 'da minha mãe, meu também e de todo o mundo.'" "Veja só o que eu fui dizer", conta rindo. "Mas ele era uma paixão, era o cantor das multidões. Dizem que o Roberto Carlos é o cantor mais amado e eu o adoro, mas o Orlando Silva era muito amado, desejado. Era aquela coisa romântica, maravilhosa. E eu sou muito romântica. Sinto falta daquela época que as pessoas se entregavam de verdade. Hoje as pessoas têm um hoje, outro amanhã, depois mais outro."

Em 1958, deixou os cinco filhos aqui e segiu com Mercedes Batista para a Argentina, para uma temporada de oito meses, cantando na peça "Jou-jou Fru-fru". Nessa época conheceu Astor Piazzolla, com quem cantou tangos. Mas como ela mesmo lembra, ele estava num período muito difícil, Estava renovando o tango e as pessoas não compreendiam, diziam que ele estava acabando com a música.

Na volta ao Brasil uma certeza, queria viver melhor. "Foi um momento muito confuso, eu tinha 17 anos e não sabia se era menina, mulher ou adolescente. Só sabia que não queria viver como minha mãe, levando lata d'água na cabeça. Meu pai já tinha morrido e meu marido estava tuberculoso. Não queria mais aquela vida dura. Tinha descoberto como era viver bem e era isso que eu queria."

Como em tudo na sua vida, os caminhos surgiram, e ela nem sabe bem dizer como. "É como se fosse um anjo que aparecesse e me mostrasse o que fazer, me tirando dessas teias."

A carreira, começou de verdade, quando Moreira da Silva a levou para cantar na Boate

Texas,em Copacabana, onde foi contratada. Foi lá que conheceu Silvinha Telles e Aloísio de Oliveira, que a convidou para gravar seu primeiro disco, onde ela cantava "Se acaso você chegasse". Foi um grande sucesso.

Em 1962, como representante do Brasil na Copa do Mundo do Chile, conheceu Garrincha, com quem se casaria mais tarde. A paixão dos dois lhe rendeu muitos problemas. Foi tachada de ser a outra na vida do craque e teve a casa apedrejada, metralhada e foi obrigada a sair do país.

As lembranças voam mais longe e Elza conta que, apesar de ter casado muito cedo, teve uma infância normal, de brincar de amarelinha, jogar bola de gude, pular corda e soltar pipa. "Até hoje adoro soltar pipa. Quando passo de carro e vejo uma criança soltando pipa, dá vontade de pedir para dar uma empinada. Tanto que termino meu show soltando pipa, quando canto o "Rap da Felicidade". Nunca gostei de brincadeira de menina, casinha, avental, boneca, aquela coisa sem vida, que não chora, não faz nada. Sempre achei que mulher tinha que ser free. Lutar, viver, amar, ser feliz e ter liberdade. Desde menina manifestei isso."

Elza perdeu quatro dos nove filhos que teve e num momento pensou em abandonar a carreira. Ela que sempre disse que sem o palco não é ninguém. Na época mudou-se para São Paulo para tratar de um problema de um dos filhos. Era um daqueles momentos em que experimentava um despenhadeiro terrível. Acabou por encontrar Caetano Veloso. E chorando muito falou " Vim me despedir de você como cantora." Caetano respondeu que tinha feito uma música para

A carreira, começou de verdade, quando Moreira da Silva a levou para cantar na Boate Texas,em Copacabana, onde foi contratada. Foi lá que conheceu Silvinha Telles e Aloísio de Oliveira, que a convidou para gravar seu primeiro disco, onde ela cantava "Se acaso você chegasse"

cantarem juntos e como é que ela não ia cantar mais? A música era "Língua", que foi gravada no disco Velô, em 1984. Voltou para o Rio, mas não tinha onde morar. Mais uma vez Caetano surge em cena. Levou-a um dia para assistir ao show de Gil, no Canecão. E junto estava o José Miguel Wisnik. "O Wisnik me levou para um estúdio na Barra é me disse: 'Tá solta. Faça o que bem entender.'"

Mais uma vez Elza voltou a viver uma ascensão retumbante, mostrando que é absolutamente contemporânea, como ela mesmo explica. "Sempre gostaram de me taxar como sambista. Eu amo samba, mas não sou sambista. Eu canto samba, gosto de jazz, samba-jazz. Canto samba-rock. Me considero a maior roqueira do samba. Gosto de hip hop, gosto de tudo. Eu sou Cazuza, sou Titãs, sou essa raça toda."

Os projetos são muitos: um novo DVD, shows, participações em filme, como o recente "Chega de Saudade" e a possibilidade de ter sua vida filmada por Olivier Dahan, o mesmo diretor de "Piaf – um hino ao amor". " Ele me procurou querendo fazer um filme sobre a minha vida. E a minha vida, de fato, é uma novela com muito capítulos. Como morei alguns anos na França, sou muito querida por lá e também em outros países da Europa."

Apesar de ter experimentado o sucesso em outros países e recebido convites para se estabelecer em alguns deles, Elza conta que nunca deixaria o Rio, que é sua verdadeira paixão e parafraseando "Ela é Carioca", canta: "Elza é carioca, Elza é carioca."

Por fim, ao vê-la com esse corpo inacreditável que mantêm desde a juventude, com seus 50kg e as pernas míticas, além de uma energia contagiante, o que se quer saber é de onde vem toda essa força, essa energia?

"Tem dias que eu acordo e nem acredito como eu consigo. Acho que toda essa força é do amor. Por isso consigo dar essas voltas por cima, porque amo muito e me sinto muito amada. Afinal, qual a mulher que não se sente feliz de ser cobiçada, desejada? E eu me sinto desejada, quando subo ao palco e ouço os gritos: Comível! Maravilhosa! Gostosa!. Então, eu acredito que tudo isso é um presente de Deus. Uma dádiva!" Com certeza, Elza.

Os projetos são muitos: um novo DVD, shows, participações em filme, como o recente "Chega de Saudade" e a possibilidade de ter sua vida filmada por Olivier Dahan, o mesmo diretor de "Piaf – um hino ao amor"

O maestro do maracatamba

por ILAN BAR

Há vinte anos, ele colocou bip-bop no samba, mesclando o maracatu e os ritmos da batucada com uma roupagem do mais moderno jazz. Assim surgia o maracatamba, gênero criado pelo trompetista José Carlos Barroso, aliás, Barrosinho. O estilo ainda era desconhecido quando o músico desembarcou no Festival de Montreux e revelou ao mundo uma aquarela de sons. Barrosinho tinha pintado as cores do Rio sobre forma de música.

Barrosinho, que acaba de lançar o primoroso disco "Praça dos Músicos", com composições feitas a partir do estilo que criou, afirma que a "música é arte da combinação". E foi assim que, ao longo da vida profissional, foi fazendo pesquisas que o levaram ao novo gênero. "O maracatamba é um espaço aberto para a expressão musical mais livre. Não é apenas um ritmo, mas uma filosofia. As estruturas musicais quaisquer que sejam, jazz, frevo ou bossa-nova, são limitantes.", explica o músico.

Já dizia o velho ditado que "Filho de peixe, peixinho é". Criado em um ambiente totalmente musical, já que sua família era composta por músicos e assistir aos ensaios era parte de sua rotina, Barrosinho não poderia deixar de seguir um caminho que já estava praticamente destinado a ele: a carreira musical. De platéia, como sua família costumava apresentar o menino para quem apreciava o ensaio, se transformou em referência no trompete, instrumento que escolheu ainda adolescente para dedilhar notas e emitir belos sons pelo mundo afora.

Ex-integrante de *big bands*, um dos criadores da Banda Black Rio, companheiro de Dom Salvador no Grupo Abolição, Barrosinho hoje se divide entre duas paixões: dar aulas de trompete, guitarra, teclado, flauta e sax e compor e tocar na linguagem musical que inventou.

Nascido em Campos dos Goytacazes, norte fluminense do Rio de Janeiro, nome de uma de suas belas composições que estão no novo disco, Barrosinho iniciou sua trajetória na música com uma força dada por um francês, de quem não lembra o nome. "Minha família formava uma banda e sempre diziam que eu seria um bom público, pois só ficava prestando atenção. O francês chegou lá e pôs por terra essa afirmativa. Ele disse que eu, justamente, era o que mais estava aprendendo", conta divertido. Graças ao faro do músico francês, foi lhe dada a oportunidade de começar a estudar

teoria e solfejo, mas sem instrumento. Isso aos 5 anos idade. Aos poucos ingressou na música tocando percussão.

O instrumento que o transformou no músico renomado caiu em suas mãos mais uma vez pela intuição do francês, como relembra Barrosinho. "Após um tempo de aula, chegou o momento de definir um instrumento. Na banda em que tocava, faltava alguém que tocasse clarinete ou sax. Fiquei com o clarinete, mas achei horroroso. O sax achei mais ou menos, porém me deram outra opção: o trombone. Eu gostei mas o francês observou que o instrumento que eu me daria bem seria o trompete".

Mais uma vez ele acertou. O apelido de Barrosinho nasceu por conta da família. Tinha o Barroso do sax, do trombone, da bateria e por aí vai. Mas no trompete tinham dois Barrosos. E quando alguém dizia que ia chamar o Barroso para tocar,

"Passamos a fazer parte do Movimento Black Rio e nos bailes que nos apresentávamos nos clubes do subúrbio, tendo Sandra de Sá e Carlos Dafé como *crooners*, o que mais tocávamos era samba e swingue de gafieira disfarçada de black music"

o pessoal perguntava: Qual deles? O Barroso pequeno ou o grande? Aí ficou Barrosinho.

Aos 14 anos, dedicado a sua grande paixão, surgiu a primeira oportunidade. Durante uma aula, com o professor Laerte Pereira, apareceu um músico em busca de um trompetista para tocar numa orquestra. O professor não pensou duas vezes e indicou-o para o posto. Assim começou sua carreira profissional na Melodia Orquestra.

Campos dos Goytacazes era o centro musical mais adiantado do norte fluminense. As festas que aconteciam nas regiões próximas sempre contratavam músicos de lá. E foi a partir daí que Barrosinho começou a criar laços com o Rio de Janeiro. Nestas festas, bandas militares do Rio eram convidadas para se apresentar e no contato com esses músicos, ouvia sempre que Barrosinho devia vir tocar na cidade mais musical do país.

Com o dinheiro que guardou de suas apresentações, resolveu seguir os conselhos. E com o trompete na mão seguiu direto para um dos maiores redutos da boemia do Rio, a Gafieira Estudantina. Após uma conversa com os músicos da casa, foi convidado para dar uma "canja" e caiu no gosto da banda. A sólida formação em música clássica aliada à cultura negra lhe permitiram que em pouco tempo estivesse no primeiro time da Orquestra Tabajara, do maestro Severino Araújo.

Se a noite se aperfeiçoava tocando nos bailes, durante o dia acompanhava, em estúdio, cantores de vários naipes. "A orquestra fazias bailes lindos e minha visão de música mudou naquele momento. Comecei a descobrir o jazz."

No final dos anos 1970, mais uma vez tentando formar uma banda com características diferentes, surgiu a oportunidade. Atendendo a um pedido de um poderoso da indústria do disco que queria algo nos moldes das bandas internacionais, Barrosinho, o saxofonista Oberdan Magalhães, o pianista Cristóvão Bastos e o guitarrista Cláudio Stevenson, identificaram um novo movimento que há pouco surgira nos Estados Unidos, o funk. E assim criaram a Banda Black Rio. Barrosinho se diverte ao falar desse período. "Passamos a fazer parte do Movimento Black Rio e nos bailes que nos apresentávamos nos clubes do subúrbio, tendo Sandra de Sá e Carlos Dafé como *crooners*, o que mais tocávamos era samba e swingue de gafieira disfarçada de black music. As pessoas achavam que era soul e funk".

Barrosinho ficou na banda por cinco anos. O primeiro disco da Black Rio, "Maria Fumaça", de 1977, fez grande sucesso. A música tema, de autoria de Oberdan Magalhães e Carlos Batera, fez parte da trilha sonora da novela "Locomotivas". Ainda nesse período, Barrosinho já vinha trabalhando com Tim Maia, Gilberto Gil, Caetano Veloso e muitos outros.

Com uma carreira sólida, o músico partiu para novos experimentos, explorando suas origens, a da cultura afro-brasileira. Ele conta que o que define bem esse momento está numa frase dita por Di Cavalcanti "A arte verdadeira é aquela que revela a sociedade que a originou."

Tendo o bairro de Santa Teresa como cenário e cúmplice, Barrosinho começou a desenvolver os novos ritmos. "O bairro inspirou minhas melhores composições. Todo dia eu acordava e ia pra mata tocar, praticando e compondo. E os músicos me perguntavam se aquilo era salsa ou merengue. Eu respondia que era o jazz latino tropical." Foi assim que há 20 anos surgiu essa nova música alegre que Barrosinho levou para o mundo.

NEGÓCIOS & FINANÇAS

RelatórioReservado

A NEWSLETTER MAIS INFLUENTE DO BRASIL

TÃO VALIOSO QUE DEVERIA SER IMPRESSO EM PAPEL-MOEDA

ASSINE

www.relatorioreservado.com.br

atendimento@relatorioreservado.com.br

Tel: (21) 2509-5399 - ramal 238

Fax: (21) 2526-7041

EDITADO POR INSIGHT

O precioso acervo de Roberto Moura

por Kelly Nascimento

Um homem de talentos múltiplos. Essa é a recordação que os amantes da Música Popular Brasileira guardam do jornalista, escritor e crítico musical Roberto Moura. O Instituto Cultural Cravo Albin resolveu fazer da lembrança uma homenagem. E o que era só saudade virou um projeto: o acervo Roberto Moura. Evoé!

Um apaixonado pela cultura popular brasileira. Talvez a melhor definição para Roberto Moura. "Ele não foi apenas um colega muito querido de pesquisas da MPB. Ele se debruçou com comovedora assiduidade por vertentes aparentemente antagônicas da música, como o samba de raiz, e suas interinfluências, a bossa nova e o jazz. Roberto construiu um belo ensaio histórico e crítico sobre a casa da Tia Ciata e o nascimento do samba, na segunda década do século XX", diz Ricardo Cravo Albin.

Parte da produção cultural de Moura pôde ser acompanhada pelo público em geral em matérias da imprensa como as revistas "Veja" e "Isto É" e em seus livros. Moura é autor das obras "No Princípio Era a Roda" (Rocco), "Praça Onze - no meio do caminho tinha as meninas do Mangue" (Prefeitura RJ/Relume-Dumará), "Carnaval - Da Redentora à Praça do Apocalipse" (Jorge Zahar Editor), "MPB — Caminhos da arte brasileira mais reconhecida no mundo" (Irmãos Vitale) e co-autor de "Brasil Musical" (Bureau Edições).

Sua morte prematura, em outubro de 2005, não significou que as idéias desse defensor da cultura brasileira caísse em esquecimento. O vínculo pessoal entre Ricardo Cravo Albin e Roberto Moura, aliado ao precioso acervo acumulado durante anos de pesquisa de nosso saudoso crítico musical inspiraram o Instituto na concepção da proposta. "Roberto Moura foi um dos críticos mais chegados a mim, seu colega de muitas décadas de militância. Sua morte trágica nos abalou profundamente. O legado de acúmulos em resíduos (documentos, livros e discos) é precioso e precisa ser abrigado por instituição séria e competente. Embora com o zelo da guarda atenta Cristina, a tendência futura de acervos é a dispersão", explica Ricardo.

“Roberto Moura não foi apenas um colega muito querido de pesquisas da MPB. Ele se debruçou com comovedora assiduidade por vertentes aparentemente antagônicas da música, como o samba de raiz, e suas interinfluências, a bossa nova e o jazz. Roberto construiu um belo ensaio histórico e crítico sobre a casa da Tia Ciata e o nascimento do samba, na segunda década do século XX”

Ricardo Cravo Albin

A colaboração de Cristina Moura, viúva do pesquisador, foi fundamental para a realização do projeto, que envolverá toda estrutura do ICCA. "Eu faço muita questão de sempre mapear e localizar todos os acervos até pelo apreço e definição que cada um tem em relação à MPB. O ICCA vem absorvendo acervos muito importantes como o de Ney Murce/Renato Murce — com centenas de itens valiosíssimos sobre a era do radio, do disco e do show no Brasil. Portanto, seja pela proximidade com Cristina e Roberto, seja pela afeição pessoal que sempre nos uniu, o ICCA está decidido a abrigar o acervo Roberto Moura."

Desta forma, o acervo de Roberto Moura ganhará casa nova e estará em excelente companhia. Hoje o ICCA conta com um acervo formado por doações do próprio Ricardo Cravo Albin, além de outros pesquisadores e colecionadores. O espaço reúne relíquias da música brasileira em diversos formatos - documentos originais, fotografias, recortes de jornais e revistas, roteiros e programas de rádio e televisão, roteiros de espetáculos musicais. A grandiosidade da coleção pode ser vislumbrada pelo número de títulos reunidos pela Discoteca Cravo Albin: 30 mil itens. Já a biblioteca do Instituto soma cerca de quatro mil volumes.

Mas as homenagens ao Roberto talvez não se encerrem por aí. O material da coleção é tão vasto que o Instituto não descarta a possibilidade de transforma-lo em livro. "Todas as homenagens que o ICCA puder prestar a Roberto Moura serão avaliadas. Seu acervo será encimado por seu nome tão querido. E a possibilidade de uma biografia sobre Roberto está, por certo, em nossos planos", revela Ricardo. O mestre Moura merece.

"Eu faço muita questão de sempre mapear e localizar todos os acervos até pelo apreço e definição que cada um tem em relação à MPB. O ICCA vem absorvendo acervos muito importantes como o de Ney Murce/Renato Murce - com centenas de itens valiosíssimos sobre a era do radio, do disco e do show no Brasil"

Nunca a leveza do desenvolvimento foi tão sustentável.

SEMPRE Brasil FOREVER

A REVISTA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

www.insightnet.com.br/brasilsempre

Insight

Quando uma pessoa assina um compromisso, você pode confiar.

Agora imagine quando mais de 22.000 pessoas assinam

Quando a TAM foi criada há mais de 30 anos, o que estava nascendo não era apenas mais uma companhia de aviação, era uma companhia de aviadores com espírito de voar e servir. Crescemos, e hoje somos a maior empresa aérea da América Latina, fazendo do aperfeiçoamento dos nossos serviços um compromisso, uma marca. E esta marca não é apenas o símbolo de uma empresa. É a marca registrada de uma missão.

Acesse www.tam.com.br, ligue 4002-5700 (outras regiões: 0800 570 5700) ou consulte seu agente de viagens e-TA

BRASIL
TAM
Paixão por voar e servir

As gostosuras das tias da praia

por Julia Santhiago

A região de Barra de Guaratiba é o cenário ideal para quem procura tranqüilidade, belezas naturais e principalmente uma boa refeição de frutos do mar. É lá, naquele lugar que bem poderia ser chamado de Costa Amalfitana carioca, que se pratica uma das melhores culinárias da cidade. Tudo sob a regência das "tias da praia". Tia Palmira, Tia Penha, Tia Helena, Tia Cida e Tia Joana fazem a alegria dos muitos "sobrinhos" que sabem apreciar os melhores bobós de camarão, moquecas e pastéis da região.

Tia Helena

Tia Palmira

Tia Cida

A primeira e mais antiga das "tias" é a Tia Palmira, que conta ter recebido o apelido dos surfistas. "Há 50 anos, eu comecei a fazer prato feito para os surfistas que vinham pegar onda aqui na praia. Eles gostavam da minha comida e começaram a trazer os pais", conta Palmira de Souza Leal a famosa "Tia Palmira". Logo depois chegaram os franceses que trabalhavam na reserva militar e se apaixonaram por seu tempero tipicamente brasileiro. Tia Palmira ganhou reconhecimento aqui no Brasil e já foi notícia no "Le Fígaro" e também no "The New York Times". Ela conta que depois que a "Tia Palmira" fez sucesso, todo mundo "virou tia" e brinca: "Eu fui a primeira das tias, agora todo mundo é tia. Antes de morrer eu ainda vou inventar uma canção de carnaval falando sobre o fenômeno das tias". Rivalidades à parte as

Todas as tias servem os mais variados tipos de frutos do mar, porém cada uma diferencia-se na maneira de servir. Na Tia Cida tem o peixe à portuguesa (peixe frito na panela de barro, com o camarão frito em cima, azeitonas, batatas coradas e ovo cozido)

tias convivem em perfeita harmonia, Tia Palmira garante que todas são amigas. Luciana Antunes Ribeiro, filha da tia Cida engrossa o couro: "Aqui todos se conhecem, e minha mãe é muito amiga das outras tias."

Todas as tias servem os mais variados tipos de frutos do mar, porém cada uma diferencia-se na maneira de servir. Na Tia Cida, o cardápio é à la carte. As especialidades da casa são o peixe à portuguesa (peixe frito na panela de barro, com o camarão frito em cima, azeitonas, batatas coradas e ovo cozido) e o peixe à moda Tia Cida, que é cozido e servido com legumes. O cliente escolhe o prato e ainda tem direito aos acompanhamentos: arroz, pirão, molho de camarão e salada. Na Tia Palmira o esquema é outro, o cliente paga um preço fixo e tem direito desde a entrada até o cafezinho, os quitutes servidos

"Eu atendo até executivos durante a semana, antigamente era mais difícil, mas hoje em dia até durante a semana a clientela é boa", explica Tia Palmira

à mesa são variados. Entre as especialidades da casa estão bobó de camarão, moqueca de peixe, casquinha de siri, os pastéis de camarão. Ao final, o cliente ainda tem direito a uma grande variedade de doces: que vão dos tradicionais de coco, abóbora, banana caramelada até pé-de-moleque, Uma verdadeira orgia gastronômica.

As tias contam que a grande movimentação de clientes acontece nos fins de semana, depois da praia. "O pessoal pega praia em Grumari e depois vem aqui para almoçar", explica Tia Palmira. Mas não são só os surfistas e banhistas que procuram as tias. Tia Palmira conta que durante a semana também há movimento: "Eu atendo até executivos durante a semana, antigamente era mais difícil, mas hoje em dia até durante a semana a clientela é boa", explica.

O talento das tias parece ser herança genética: Tia Helena é mãe de Tia Cida, que por sua vez já ensinou todos os filhos a cozinhar. Um dos filhos de Tia Palmira também aprendeu com ela e hoje já caminha com as próprias pernas. Abriu o próprio negócio, o Restaurante do Bira, que não é "tio", mas segue a mesma fórmula de sucesso da mãe e já é conhecido na região.

As tias contam que a grande movimentação de clientes acontece nos fins de semana, depois da praia. "O pessoal pega praia em Grumari e depois chega para almoçar"

A AACD oferece 5 especialidades em reabilitação. Quer dizer, 6 se contar o calor humano.

McCANN

A AACD Rio de Janeiro é uma instituição filantrópica que trabalha na reabilitação de crianças, adolescentes e adultos com deficiência física, ajudando-os a desenvolver suas potencialidades e a ter uma vida com maior qualidade e independência. Atualmente, são mais de 2.500 atendimentos por mês em 5 especialidades médicas e 7 terapias de reabilitação. Entre em contato conosco e saiba como apoiar este trabalho que está dando tantos resultados. Com a sua ajuda, ele pode dar ainda mais.

Patologias atendidas:

- Paralisia Cerebral – até 16 anos
- Lesão Medular
- Mielomeningocele
- Lesão Encefálica Adquirida
- Amputações
- Doenças Neuromusculares
- Malformações Congênitas
- Seqüelas de Poliomielite

AACD Rio de Janeiro
Rua Maranhão, 125 - Bairro da Viga
Nova Iguaçu - RJ - CEP 26013-610
Tel: (21) 3759-8400
www.aacd.org.br

AACD
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA DEFICIENTE
RIO DE JANEIRO

O Rio reza na Candelária

Quando o carioca quer chegar mais perto do divino, ele pensa na Candelária. Não pela sua imponência ou suntuosidade, mas porque a igreja tem algo de mãe, de sagrado, que afaga e protege os cidadãos do Rio de Janeiro. A Candelária parece que encosta no céu e lá se abastece da seiva da espiritualidade, que faz circular pela veia jugular da cidade, mais conhecida como Av. Presidente Vargas. Sístole e diástole carioca. Deus está vivo na Candelária!

ensaio fotográfico de **MARCELO CARNAVAL**

poema de **MANUEL BANDEIRA**

S PAULUS

Louvo o Padre, louvo o Filho

E louvo o Espírito Santo.

Louvado Deus, louvo o santo

De quem este Rio é filho.

Louvo o santo padroeiro

Bravo São Sebastião

Que num dia de janeiro

Lhe deu santa defensão

AVCTE NOBIS

Louvo a cidade nascida

No morro Cara de Cão,

Logo depois transferida

Para o Castelo, e de então

Descendo as faldas do outeiro,

Avultando em arredores,

Subindo a morros maiores

Grande Rio de Janeiro!

Rio de Janeiro, agora

De quatrocentos janeiros

Ó Rio de meus primeiros

Sonhos! (A última hora

De minha vida Oxalá

Venha sob teus céus serenos,

Porque assim sentirei menos

O meu despejo de cá).

Cidade de sol e bruma,

Se não és mais a capital

Desta nação, não faz mal:

Jamais capital nenhuma,

Rio, empanará teu brilho,

Igualará teu encanto.

Louvo o Padre, louvo o Filho

E louvo o Espírito Santo.

a epopéia do verde e do concreto

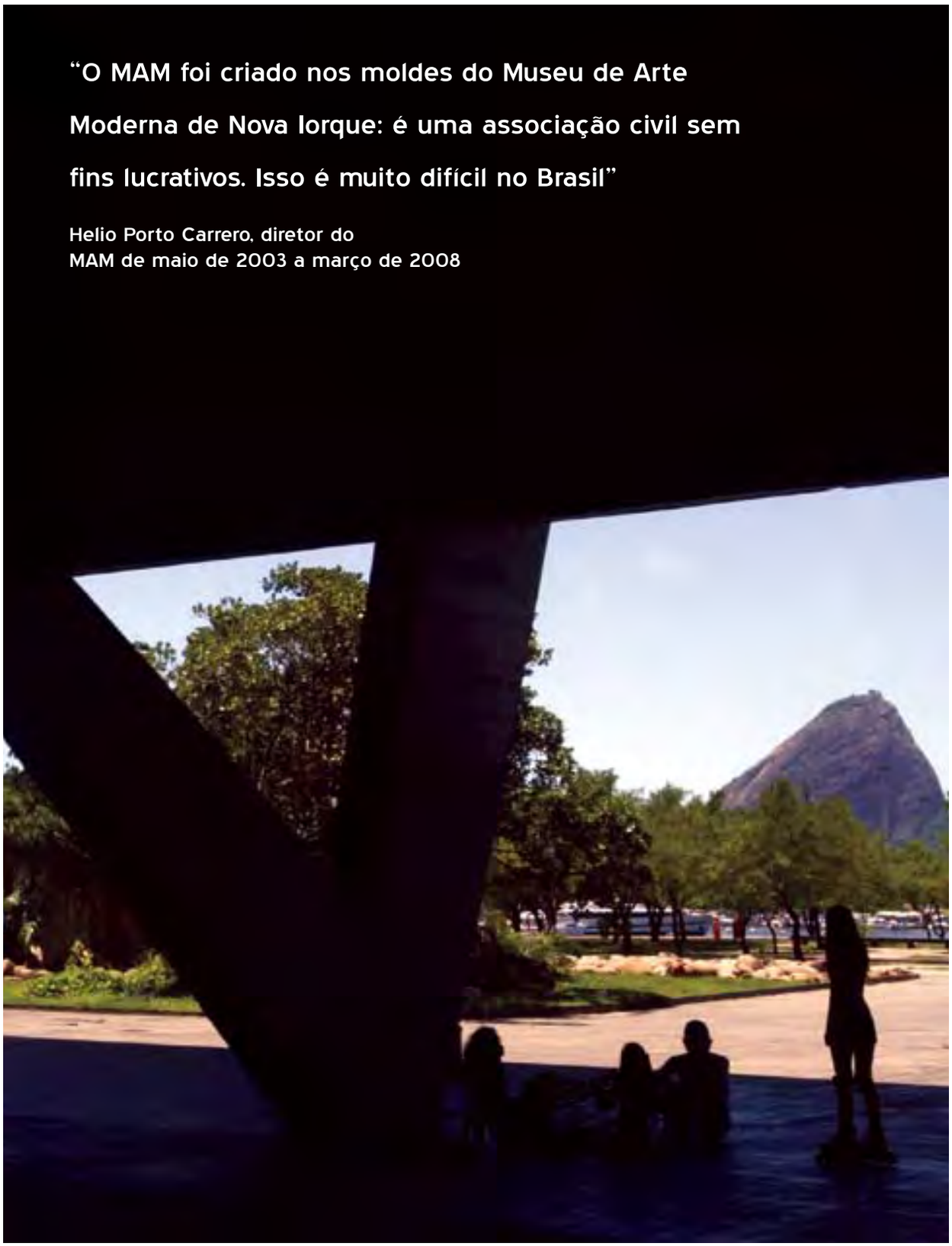
por Kelly Nascimento

O Museu de Arte Moderna completa seis décadas de vida sem perder a iconoclastia jamais. Com o peso de quem abrigou obras de gênios como Hélio Oiticica Candido Portinari, as Lygias Pape e Clark, a pérola projetada por Afonso Reidy na paisagem paradisíaca do Aterro do Flamengo pede passagem para muitas outras décadas de vida.

O período não era lá dos mais animadores. O mundo se recuperava da II Segunda Guerra Mundial. A cultura era um dos remédios para as feridas da guerra. O clima de pós-guerra facilitou a aquisição de preciosidades de artistas europeus como Kandinsky, Paul Klee, Salvador Dali, Brancusi e Pablo Picasso. E no Rio de Janeiro surgia, em 1948, o Museu de Arte Moderna, nos moldes do Museum of Modern Art de Nova Iorque.

Dois museus, um só princípio. Em Nova Iorque e no Rio, o MAM manteve uma filosofia única: ser um "museu vivo", ao combinar exposições, debates, música, teatro e cinema. Aos poucos, o museu carioca foi criando sua identidade e seu diferencial. Seu foco, as artes aplicadas ao *design* e ao desenho industrial. Os cariocas beneficiaram-se ainda com a vocação educacional do MAM — materializada em sua biblioteca (sob responsabilidade da crítica literária Lúcia Miguel Pereira) e nos ateliês abertos ao público. Entre os artistas convidados a desenvolver atividades no MAM estão Candido Portinari (pintura), Bruno Giorgi (escultura), Alcides Miranda (arquitetura), Luís Heitor (música), Santa Rosa (teatro) e Luís Roberto Assumpção Araújo (cinema).

A primeira exposição foi totalmente inspirada no Velho Continente. Em 1949, a mostra inaugural "Pintura Européia Contemporânea" deu início às atividades do Museu, em sua sede provisória — o Banco Boavista. A exposição abrangia 32 obras; 12 delas acabaram incorporadas ao acervo do MAM — que receberia mais tarde doações preciosas de Oscar Niemeyer, Raul Boppe e Marques Rabelo. O ano de 1952 inauguraria uma nova fase para a casa da arte moderna do Rio. Começou com uma exposição dos artistas premiados na 1ª. Bienal Internacional de São Paulo. A boa fase também é explicada pelo comando da dire-



"O MAM foi criado nos moldes do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque: é uma associação civil sem fins lucrativos. Isso é muito difícil no Brasil"

Helio Porto Carrero, diretor do
MAM de maio de 2003 a março de 2008

tora executiva Niomar Moniz Sodré — casada com o dono do Correio da Manhã, Paulo Bittencourt. A gestão de Niomar foi fundamental para a construção do acervo do museu, reforçado com obras de artistas estrangeiros compradas na Europa. Figuram nessa leva nomes como André Lhote, Yves Tanguy, Georges Mathieu, Fernand Léger e Alberto Giacomett. O reforço nacional ficou por conta de Di Cavalcanti, Lasar Segall e Guignard.

Nessa época, o Museu estava instalado no Palácio Gustavo Capanema, então sede do Ministério de Educação e Saúde. Não demoraria a ganhar seu próprio espaço. Naquele ano, Niomar convidaria o arquiteto Affonso Reidy para projetar a sede do MAM no Aterro do Flamengo, em terreno doado pela prefeitura. Em sua casa nova, o MAM passou a oferecer cursos para crianças e adultos. Deste último, surgiria o Grupo Frente, formado por Ivan Serpa, Hélio Oiticica, as Lygias Pape e Clark e Franz Weissman, entre outros.

Vanguarda e experimentalismo sempre tiveram o MAM como porto seguro. Tanto que o museu testemunhou o nascimento de parte considerável de movimentos artísticos, bem como lançou muitos artistas importantes. Aquele espaço testemunhou muitas, mas muitas histórias Desde a célebre exposição em que o artista Antonio Manoel se apresentou nu à inesquecível mostra "Tropicália", exposta por Hélio Oiticica na mostra Nova Objetividade Brasileira, em abril de 1967.

Em 1970, o MAM reagiria à ditadura com os inesquecíveis "Domingos da Criação", que transformam a área livre do museu num espaço onde artistas e público em geral podiam respirar lufadas de democracia.

Em 1993, outra fase foi iniciada com a doação de um dos maiores colecionadores de arte moderna e contemporânea do país. Gilberto Chateaubriand transfere para o MAM sua coleção de quase quatro mil obras.

Na virada para comemorar suas seis décadas de existência, o museu continuou brindando os cariocas com boas surpresas — como a área para shows batizada de "Vivo Rio". "Foi um período produtivo para a instituição. Retomamos o processo de recuperação de uso dos espaços; completamos nosso projeto arquitetônico, através de uma parceria comercial. É claro que gostaríamos mais de chamar a área de "Teatro do MAM", mas isso faz parte do projeto comercial", diz Helio Porto Carrero, diretor do MAM de maio de 2003 a março de 2008. Entre as conquistas recentes do museu, Porto Carrero cita ainda a abertura do restaurante. "Ficou fechado durante anos e hoje é um dos melhores do Centro do Rio".

Uma das principais dificuldades do museu, lembra o ex-diretor, está no financiamento. "O MAM foi criado nos moldes do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque: é uma associação civil sem fins lucrativos. Isso é muito difícil no Brasil. Nos Estados Unidos, tanto o Metropolitan quanto o MAM têm auxílio das prefeituras locais. As instituições culturais são consideradas algo positivo para as cidades; trazem benefícios para a população local e também atraem visitantes. O César Maia dá R$ 1 do orçamento da cidade para o MAM! Tivemos que aprender a sobreviver sem auxílio público. O principal patrocinador hoje é a Petrobras. Há também um bom vínculo com o Banco Real", diz. A maior mágoa de sua gestão é a falta de apoio da prefeitura.

Mas lembranças boas também não faltam. No ano de 2007, a exposição de Bia Lessa sobre Guimarães Rosa deu o que falar. "A mostra de Ivan Cardoso também foi importante, assim como a parceria que estabelecemos para trazer obras do Museus da Vale, no Espírito Santo, para o MAM. A grande realização desse período será a exposição permanente com grandes obras do modernismo brasileiro, da coleção Gilberto Chateaubriand.

Isso é fundamental para a função educacional do museu, que também é permanente. Esses 60 anos serão marcados pela afirmação do MAM como instituição cultural básica na cidade do Rio de Janeiro", defende Porto Carrero. Apesar dos pesares, o MAM sobrevive. Hoje é um marco arquitetônico e cultural importantíssimo para a cidade de São Sebastião.

A Cinemateca

Talvez um dos espaços mais marcantes do MAM, a Cinemateca tem início em 1955, com a mostra internacional "Dez Anos de Filme de Arte". Já no começo, eram oferecidos cursos regulares. As sessões de cinema eram realizadas no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). A idéia de criação de uma cinemateca foi inspirada no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque e no Centro George Pompidou, de Paris.

A cinemateca tem lugar cativo para a juventude da época, que aprendeu a gostar de cinema através do que era apreendido daquela experiência. "Para as pessoas de minha geração, a cinemateca foi básica para a formação de gostos e entendimento do que é cinema", recorda Helio Porto Carrero.

Não foi à toa que em sua gestão o lugar recebeu atenção especial. "A cinemateca ficou abandonada nos anos 1990. Mas conseguimos recuperar sua função permanente, com apoio do BNDES. Hoje há uma programação permanente".

Porto Carrero se orgulha em dizer sobre seu último ato enquanto diretor do MAM: o estabelecimento de um convênio com a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. A parceria permitirá o uso da cinemateca para formação de professores, que serão capacitados para usar o cinema no processo educacional.

Hoje a cinemateca do MAM é a segunda mais importante do Brasil, a única privada. "É uma grande reserva de produção cinematográfica. Teve grande importância - inclusive política - para minha geração. Era um espaço de liberdade. Sempre que penso na cinemateca, tenho um sentimento emotivo muito forte".

Reidy, o homem que ergueu o MAM

O marco arquitetônico que hoje encanta não só cariocas mas amantes das artes mundo afora é obra da criatividade do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, que aceitou o desafio da então diretora Niomar Moniz Sodré de projetar uma nova sede do museu – no terreno de 40 mil metros quadrados doados pela prefeitura em 1952. A Roberto Burle Marx coube a tarefa de realizar o projeto paisagístico do local.

Uma das preocupações de Reidy durante a criação foi dialogar com a paisagem daquele cenário privilegiado. Assim, concebeu o modelo em que a horizontalidade da estrutura mescla-se ao perfil dos morros cariocas. A fachada envidraçada foi a solução para que o paisagismo de Burle Marx invadisse o ambiente.

As obras do Museu foram iniciadas em 1954 e inauguradas em momentos distintos. O Bloco-Escola foi aberto ao público em 1958; o de Exposições, em 1967 (com mostra de Lasar Segall). O Bloco Teatro estava inacabado até a parceria do MAM com a operadora telefônica Vivo.

A estrutura vazada, a liberdade do espaço de exposições e o racionalismo arquitetônico são marcas incontestáveis desta que é considerada a obra máxima de Reidy.

Buarque de Hollanda
Se todos fossem cordiais como vocês...

por Mônica Sinelli

Guardiã da memória cultural da cidade, a vice-presidente do Museu da Imagem e do Som, Ana de Hollanda, abre seu arquivo pessoal e dá um depoimento amoroso sobre a família mais cordial - e carioca - do país. Paulista da gema (traidora!), é no coração da Lapa, onde funciona o MIS, que ela extrai a precisa fotossíntese: o Rio é anormal, um desequilíbrio!

Se lembra da jaqueira
A fruta no capim
O sonho que você contou pra mim

"Nossa família é uma mistura do Brasil todo, como Chico bem detalha na música Paratodos, de sua autoria. Meu pai, Sérgio Buarque de Hollanda, era paulista, filho de mãe fluminense e pai pernambucano. E minha mãe, Maria Amélia Costa Carvalho Cesário Alvim — nome de solteira —, é carioca, filha de mãe paulista e pai mineiro. Seu avô paterno, José de Cesário Alvim, foi o primeiro governador de Minas Gerais, ao ser decretada a República. Mas, antes disso, havia sido prefeito do Rio de Janeiro, quando distrito federal. O outro avô de minha mãe, Álvaro de Carvalho, também era político, foi senador e é nome de rua em São Paulo.

Meu avô paterno, Christóvam Buarque de Hollanda, nasceu em Pernambuco, onde tanto o sobrenome Buarque quanto Hollanda são comuns, mas não Buarque de Hollanda, criado por ele, que vinha de uma família com um nome enorme — Paes Barreto Hollanda Cavalcanti Buarque de Gusmão. Naquela época, final do século XIX, tirava-se o registro de nascimento, que era o de batismo, e, depois, o documento definitivo, quando se entrava para o Exército ou Universidade, ou então quando se casava. Assim, da família de vários irmãos, cada um pegou um pedaço daquele nome. Meu avô pinçou o Hollanda e o Buarque, trocou a ordem, e surgiu o Buarque de Hollanda. Acredita-se que Hollanda tenha realmente a ver com os holandeses. E que, provavelmente, nem devia ser "Hollanda", mas um "Von" qualquer coisa. Em Pernambuco, Hollanda é tão comum como Silva. Logo, é possível que na época qualquer louro virasse "Holanda". Depois, outras gerações adotaram esse Buarque de Hollanda.

Ai, que saudades que eu tenho
Dos meus doze anos
Que saudade ingrata
Dar banda por aí
Fazendo grandes planos
E chutando lata

Ele veio estudar no Rio, onde conheceu minha avó — Heloisa Moreira Buarque de Hollanda —, que era de Niterói e tinha um irmão compositor e maestro, Luiz Moreira. É o primeiro caso que se sabe de músico profissional na família. Nunca ficou famoso. Mas no Museu da Imagem e do Som existem partituras dele, que tinha uma companhia de opereta — ao lado da cantora Abigail Maia, com quem foi casado — que viajava pelo Brasil e fez sucesso no início do século passado. Nessa época, profissionalização em artes, em música, era uma coisa excepcional. A gente vivia uma contradição. Minha mãe, que vinha da aristocracia, tinha, a princípio, uma visão muito conservadora. Apesar de adorar música — e de tocar piano, assim como meu pai —, achava que música, como profissão, nem pensar. Seu primeiro ato de rebeldia foi se casar com meu pai, que era jornalista, boêmio e, portanto, visto pela família dela como uma coisa excêntrica. Ele era aquele tipo literário, boêmio, ligado ao pessoal modernista. Morreu com a frustração de não estar em São Paulo quando o Movimento explodiu. Apesar de ter crescido lá, ele se mudou com a família para o Rio em 1920, aos 18 anos. Falava de uma forma muito apaixonada sobre a cidade. Enquanto o Rio era a capital federal, clássica, São Paulo estava muito ligada aos movimentos de fora, aos anarquistas, recebia muitos imigrantes. Havia grande espaço para renovação de idéias, para romper com as estruturas mais arcaicas, européias. Mas, ele estudava Direito e, na chamada Semana de 22, tinha provas na faculdade e não pôde ir a São Paulo. Então, sua ligação com o mundo artístico, intelectual, que rediscutia linguagens e questionava antigos modelos, vem desse tempo. Essa abertura permitiu um ambiente propício para a gente se apaixonar pelas linguagens criativas, apesar da resistência de minha mãe a palco, televisão, rádio. Mas ela foi engolida, se não iria engolir metade dos filhos.

Heloisa Moreira Buarque de Hollanda, avó de Ana, com os netos

Ai, quem me dera ser cantor
Quem dera ser tenor
Quem sabe ter a voz
Igual aos rouxinóis
Igual ao trovador
Que canta os arrebóis
Pra te dizer gentil:
Bem-vinda!

Somos sete irmãos: Miúcha (cantora), Sérgio (economista), Álvaro (advogado), Chico, Maria do Carmo (fotógrafa), eu e Cristina (cantora). Os quatro mais velhos nasceram no Rio. Depois, a família

foi para São Paulo, onde nasci. A gente morava numa casa grande, no bairro do Pacaembu. Hoje, praticamente, só existe ela na rua, em frente a uma pracinha chamada Raízes do Brasil (* nome do livro escrito por Sérgio em 1936, em que desenvolve a noção do `homem cordial´). Como são irmãos com 13 anos de diferença entre a mais velha e a mais nova, havia uma freqüência intensa de todas as gerações. Meu pai gostava muito de gente jovem em volta, recebia alunos e era uma referência em São Paulo. Quando os intelectuais iam à cidade, iam à casa de Sérgio Buarque de Hollanda, tanto que essa casa vai ser desapropriada para abrigar um centro cultural com o nome dele.

As famílias — numerosas — tanto de meu pai quanto de minha mãe moravam no Rio. Nas férias, havia farta distribuição dos filhos pelas casa de avós e tios. O Rio era praia, sol, bonito, alegre. E São Paulo era escola, acordar cedo. A nossa relação com a música era muito carioca — o samba, a música do Rio de Janeiro. No trem noturno que ia para São Paulo, havia a regra de dormirmos cedo. Mas conquistamos o direito de só abaixar a cortina da cabine depois de passar pela Mangueira. Aí, sim, a gente cantava e ia dormir. Essa era a despedida das férias.

Rio de ladeiras
Civilização encruzilhada
Cada ribanceira é uma nação
São Sebastião crivado
Nublai minha visão
Na noite da grande
Fogueira desvairada
Quero ver a Mangueira
Derradeira Estação
Quero ouvir sua batucada

Eu me lembro bem da infância e, principalmente, da adolescência. Minha mãe era quem impunha rigor na casa. Até porque, se bobeasse, a casa virava um clube. Mas ela tinha uma abertura interessante. De vez em quando, à noite, a gente ouvia um movimento em casa,

na hora de dormir. Eu e minhas irmãs menores, Maria do Carmo e Cristina, ficávamos escondidas na escada para tentar enxergar quem estava na sala. Quando Vinícius de Moraes aparecia, a gente ia descendo. Minha mãe percebia o que estava acontecendo e não tinha problema: "Ah, desce, pode vir". Ela achava importante que convivêssemos também com esse lado. E Vinícius, por sua vez, adorava ter um monte de gente cantando a noite toda. João Gilberto, que foi casado com minha irmã Miúcha, chegava meia-noite e tocava direto. Então, era uma aula de música. No dia seguinte eu, com 12, 13 anos, ia para o colégio virada.

Ai, se mamãe me pega agora
De anágua e de combinação
Será que ela me leva embora
Ou não

Estudávamos na "École d'oiseaux", escola dos passarinhos, um reduto tradicional da elite paulista. Mas meu pai era professor, ganhava pouco para sustentar sete filhos. Vivíamos uma disparidade entre a nossa realidade e o meio que freqüentávamos. Lembro daquelas adolescentes — todas filhas de fazendeiros, industriais e descendentes dos imigrantes que enriqueceram —, que olhavam tipo "onde você mandou fazer esse vestido, onde comprou esses sapatos?". Os sapatos tinham sido comprados numa liquidação para todos os filhos. Era um outro mundo, sufocante para nós. Elas iam embora para casa de carro com motorista e nós, de ônibus ou bonde. Uma vez levei uma amiga para almoçar em casa que nunca tinha andado de ônibus. Depois, ela me contou que sua mãe a proibiu de sair comigo, porque ela não era menina para andar de

Memélia e Theo, neto de Ana

A gente vivia uma contradição. Minha mãe, que vinha da aristocracia, tinha, a princípio, uma visão muito conservadora. Apesar de adorar música – e de tocar piano, assim como meu pai –, achava que música, como profissão, nem pensar

ônibus. As professoras eram muito reacionárias, faziam discursos absurdos, Enfim, eram meios completamente diferentes, e vivíamos nessa confusão. Na adolescência, a gente não gosta de se sentir isolada, e eu queria estar em escola pública. Meus irmãos estudaram no Caetano de Campos, colégio estadual de primeira linha. Era diferente o tratamento: homem é homem, mas mulher vai para colégio de freira, porque colégio público não fica bem para meninas. Meu pai não se metia na educação dos filhos. Esse era o campo de minha mãe.

Depois de te perder
Te encontro com certeza
Talvez num tempo da delicadeza
Onde não diremos nada
Nada aconteceu
Apenas seguirei como encantado
Ao lado teu

E tinha também a visão política de meus pais. Quando Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir anunciaram sua vinda ao Brasil, todo o colégio fez um abaixo-assinado contra, menos eu e uma amiga cuja família era mais aberta. Meu pai estava na comitiva que foi recebê-los em Recife. Eles foram descendo algumas capitais até chegar ao Rio. E minha mãe levou a mim e as minhas irmãs ao aeroporto, dizendo: 'Vocês vão ler mais tarde que eles são pessoas muito importantes, e eu quero que vocês os conheçam´. Apesar de muito católica, ela achou que o abaixo-assinado já era demais e nos chamou, porque tinha um lado esclarecido, uma preocupação de nos dar acesso a tudo que havia de melhor. Assim, embora com pouco dinheiro, ela nos levava, por exemplo, a um bom balé no Theatro Municipal, mesmo que fosse num lugar ruim, porque era importante assistir aquilo. Em 1968, quando os estudantes faziam resistência na Universidade de São Paulo (USP), onde meu pai lecionava, ela apoiava o pessoal que ia passar a noite lá, fazendo sanduíches para eles. Ou seja, ia de um extremo ao outro.

Já vestindo a pele do artista
O tempo arrebata-lhe a garganta
O velho cantor subindo ao palco
Apenas abre a voz, e o tempo canta

Meu pai era muito sério no trabalho, ficava o dia inteiro no escritório, sempre escrevendo, pesquisando, recebendo gente que ia consultá-lo. Do ponto de vista intelectual, era de um rigor absoluto. Mas, fora dele, era pura emoção, uma criança, engraçado, entrava nas nossas brincadeiras. Gostava de trabalhar com a porta aberta para ouvir o movimento da casa. Tive com ele uma relação muito especial. Meus irmãos sempre brincam que eu era a filha predileta, e ele falava isso também. Tudo que não podia, que era politicamente incorreto, ele fazia, como escolher a filha predileta. Talvez eu tivesse mais jeito com meu pai, entrasse mais nas fantasias dele, que eram alucinantes. Antes de mim, o predileto foi o Álvaro. Mas ele começou a crescer, e menino não quer essas histórias de filhinho queridinho do papai, que, rapidamente, me adotou.

Não
Não sei se é um truque banal
Se um invisível cordão
Sustenta a vida real

Ele gostava de contar histórias para mim, fazia uma festa especial. Parava de trabalhar lá pelas 19h, 20h e, já com a cabeça meio cansada, me chamava e começava a contar histórias, que às vezes demorei a entender. Houve uma época em que o assunto foram as cobras. Ele começou a

De vez em quando, à noite, a gente ouvia um movimento em casa, na hora de dormir. Eu e minhas irmãs menores, Maria do Carmo e Cristina, ficávamos escondidas na escada para tentar enxergar quem estava na sala. Quando Vinícius de Moraes aparecia, a gente ia descendo.

me ensinar tudo sobre elas. É meio doido um pai que fica falando, para uma criança de 10 anos sobre cobras. Muito tempo depois, lendo Visão do paraíso (* livro escrito por Sérgio em 1958), vi que tinha um capítulo inteiro sobre cobras, porque os negros ficavam apavorados com elas. Então, acho que ele começou a estudar as cobras do Brasil e, como o assunto estava na cabeça, era comigo que conversava a respeito. Passei anos pensando: porque a gente falava tanto de cobras? não havia um tema mais engraçado para falar com uma menina de 10 anos?. Desconfio que nesse período ele estava pesquisando e escrevendo "Visão do paraíso".

E tropeçou no céu como se ouvisse música

Depois, teve a época em que meu pai lia As mil e uma noites. Eram três volumes enormes em francês. Ia traduzindo para mim, eu adorava, mas havia as partes censuradas. Aí, ele falava: 'Vai chamar seu irmãos e espera lá fora'. Em seguida, me chamava de volta e emendava a história. Comecei a me interessar por muitas coisas por causa dessas conversas, como política, que teve muito a ver com a época da independência dos países africanos, a exemplo do Congo Belga. Me apaixonei pela figura de Patrice Lumumba, o grande líder nacionalista. Acordava cedo para ler sobre a guerra no Congo, para depois: 'Papai, você viu'? Quando o assassinaram, fiquei arrasada, foi a primeira grande decepção política. Ele era meu mito, chorei muito. Eu estudava num colégio de freiras superconservador. E ele era o anti-herói para as freiras, um líder negro, africano, maravilhoso. Já adulta, eu andava namorando o Partido Comunista Brasileiro, que considerava um partido com uma visão mais democrática. E perguntei a meu pai o que achava do PCB. Ele disse: 'Só há um problema. Um dia ninguém agüenta, arruma uma briga e todo mundo sai. Mas aí torna-se tão anticomunista que fica impossível conversar.' Fiquei meio preocupada, mesmo assim cheguei a entrar no partido, que acabou. Então, nunca

fiquei muito comunista. Era mais uma coisa de eu querer me engajar em uma discussão política, em um processo qualquer que fosse.

Luz, quero luz,
Sei que além das cortinas
São palcos azuis
E infinitas cortinas
Com palcos atrás
Arranca, vida
Estufa, veia
E pulsa, pulsa, pulsa
Pulsa, pulsa mais

Meu pai foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, junto com um mundo de intelectuais de várias áreas, que apoiavam aquele movimento de operários. Mamãe, mesmo após a morte dele, continuou fidelíssima ao PT, tanto que o Lula sempre lembra que a primeira pensão que recebeu de viúva ela doou para o partido. Ela comparecia mais aos eventos do PT, era mais militante do que papai, que ficava com os intelectuais. A época da ditadura foi vivida lá em casa intensamente, com as reuniões políticas. Parentes e amigos foram presos, alguns morreram. Chico teve muitos problemas, acabou saindo do país. Convivemos de perto com isso, mas eu nunca entrei numa coisa mais radical. Depois do AI-5, você tinha que optar: partia para a clandestinidade ou desistia. O que a gente fazia era dar apoio. Houve uma época em que ficou preocupante, porque nossa casa era muito visada, o telefone estava grampeado, tinha gente olhando. Mas chegou uma hora em que era preciso parar, pois, se dessem uma batida, seria difícil dizer que a gente não tinha nada com isso.

Se tu falas muitas palavras sutis
E gostas de senhas, sussurros, ardis
A lei tem ouvidos pra te delatar
Nas pedras do teu próprio lar

Sempre tive uma relação com o mundo cultural, mas não cheguei imediatamente à música, porque me assustou um pouco o sucesso do Chico. Aquilo foi uma coisa fora do comum, invadiu a nossa vida, eu era adolescente. Tinha paixão pela música, mas achava que não podia ser profissional, já bastava aquela loucura. Quando ele começou a cantar, nós, as irmãs, fazíamos os vocais. Nos apresentávamos como Chico e as Quatro Mais". Tentávamos dar uma de Quarteto em Sy, que estava na moda. Ele ia criando as músicas e trabalhava muito o vocal. Tudo empírico, ninguém escrevia música, cada um decorava sua parte, cruzava as vozes e gravava. Tínhamos um piano enorme em casa, mas ninguém estudou, porque fazia barulho e papai reclamava. Isso aconteceu antes de A Banda. Fizemos um show de Chico e as Quatro Mais na Escola Rio Branco, chamado Primeira Audição. A abertura era com ele, Toquinho e Taiguara. Os produtores se empolgaram com o resultado e acabaram criando um programa na TV Record — o Fino da Bossa.

Memélia com os sete filhos

Chico Buarque, Ana e Natan Marques durante gravação do CD "Tão Simples"

Queriam que a gente repetisse o show lá. Foi uma confusão em casa, por causa daquela coisa de homem pode, mas as meninas irem para palco de televisão, nem pensar. Mas se Chico não fizesse o show, também estaria fora desse programa. Ele estudava Arquitetura, mas estava adorando a música, que até então se restringia a palco de colégio. Ele insistiu e conseguiu. Mamãe acabou cedendo, mas com a condição de que a nossa carreira se encerrava ali.

Sala sem mobília
Goteira na vasilha

Problema na família
Quem não tem

Acabamos adiando os projetos. Chegamos a formar um sexteto, só as irmãs com amigos, e cantávamos em festas. Em 1972, Cristina recebeu um convite para gravar seu primeiro disco, Quantas lágrimas, que fez muito sucesso. Já tinha o Chico, agora também a Cristina. A Miúcha morava fora do país, não estava cantando ainda, só voltou ao Brasil em meados da década de 70. Eu continuava fazendo corinhos. Quando tomei coragem para fazer meu primeiro disco, a partir também de um convite, foi em 1980. A parte que mais resisti

foi compor. Cantar, tudo bem. Mas, para compor, tive que esperar mais algumas décadas. Adorava letrar músicas. Grandes músicos me deram suas composições e eu ousar com a palavra na obra deles não foi fácil. Tive que me dar esse direito. Quando comecei com música, já vinha embaixo de uma aba. Ia parecer uma pessoa que queria pegar carona no sucesso do irmão. Vai explicar que eu cantava desde criança, fazia vocal, tinha um grupo amador em São Paulo.

Mesmo que você fuja de mim
Por labirintos e alçapões
Saiba que os poetas como os cegos
Podem ver na escuridão

Vim morar no Rio em 2003, quando fui convidada a assumir o cargo de diretora do Centro de Música da Fundação Nacional de Artes (Funarte), no qual permaneci até 2006. O Rio de Janeiro é um esplendor sempre, um desequilíbrio, nunca vi em lugar nenhum do mundo tanta beleza. O Rio é anormal. Um dos meus programas preferidos é ir à Santa Tereza, passando pela floresta do Corcovado, uma floresta tropical maravilhosa. De repente, abre-se aquela vista maravilhosa para o mar e chega-se ao bairro, que é uma festa, com aquele calor humano, as casas antigas. No Rio, a gente vê a presença da Colônia, do império, os vários períodos. Gosto também de andar no Centro, na orla, na lagoa Rodrigo de Freitas. O Rio não precisa de recomendação, cada canto tem uma coisa especial.

E quem sabe, então
O Rio será
Alguma cidade submersa
Os escafandristas virão
Explorar sua casa
Seu quarto, suas coisas
Sua alma, desvãos

Tenho uma filha — Ruth, assistente social — e um filho — Sergio, que trabalha com Marketing e é pai de Theo. Dos sobrinhos, só três seguiram a carreira artística: Bebel, filha de Miúcha e João Gilberto, como cantora, e Silvia e Luisa, filhas de Chico e Marieta Severo, como atrizes. Eu não sou só ligada à música, sempre tive outra atividades paralelas. Fui secretária de Cultura em Osasco, desenvolvi atividades no campo das artes plásticas, trabalhei muito em galerias. Antes de decidir pela música, eu ficava em outras áreas, mas nunca criando, trabalho de bastidor, de produção, de gerenciar projetos. Acho muito importante essa relação entre as linguagens artísticas." Depois da passagem na Funarte, veio o convite para trabalhar no MIS, que tem um acervo fantástico, com depoimentos de todo mundo, não só de música, mas também de outras áreas, como de cinema do início do século, que exige uma manutenção bastante delicada."

Assim como a conservação da fita com esse seu depoimento, Ana.

Ir deixando a pele em cada palco
E não olhar pra trás
E nem jamais
Jamais dizer
Adeus

Souvenir de Justino

por Ruy Castro

Um perfil afetuoso de Justino Martins, o homem que fez Manchete enterrar O Cruzeiro nos anos 60.

"Justino quem?"

É o que às vezes me perguntam quando, numa dessas palestras que me convidam a fazer em faculdades, menciono Justino Martins como um dos jornalistas que mais me ensinaram, inclusive no que se refere a escrever. Aí sou obrigado a explicar: o gaúcho Justino Martins foi diretor da revista Manchete durante 16 anos, de 1959 a 1975 — os melhores da história dessa publicação. Em resposta, vejo rostos em branco. Fico triste ao constatar que, para toda uma nova geração de jornalistas, seu nome já não significa nada. Ou significa menos que o de Ataulfo de Paiva — também jornalista, não sei se tão bom quanto ele, mas famoso como nome de rua no Rio.

Acontece que Justino morreu há muito tempo, em 1984, aos 67 anos. E, nove anos antes disso, em 1975, já tinha sido condenado a uma espécie de zona fantasma: afastado da Manchete e exilado numa revista menor dos Bloch. O motivo do castigo teria sido uma entrevista que Justino concedeu naquele ano à (hoje também extinta) revista Status, na qual falou de como Manchete seria uma maravilha se não fossem os compromissos publicitários. Nada grave e nada que não fosse verdade — e o próprio Adolpho Bloch, que freqüentou até o fim a bela casa de Justino no alto da Joatinga, sabia disso,. Mas Justino não voltou mais para Manchete.

Ele nunca se conformou, e tinha seus motivos.

Capa da revista Manchete, nº 1.031, com reportagem sobre show "A Vida Fabulosa de Carmen Miranda", em que Marília Pera revive a Pequena Notável

Ruy Castro e Justino Martins na redação de Manchete

Antes de Veja estabelecer um certo padrão de revista semanal brasileira, o padrão ideal, em toda a década anterior, chamava-se Manchete, e muito graças a Justino. Os Bloch eram gráficos, nada sabiam de jornalismo e, quando criaram sua revista em 1952, chamaram para dirigi-la homens como Henrique Pongetti, depois Otto Lara Resende, e depois outros — grandes figuras da imprensa, mas que, por sua vez, não sabiam muito bem o que era uma revista semanal. A Manchete que eles fizeram durante os anos 50 tentava competir com os jornais, na seriedade e na feiúra, e não raro ganhava deles em ambos os departamentos. Enquanto Manchete continuasse assim, O Cruzeiro imperaria invencível, com seus propalados 700 mil exemplares por semana, um absurdo de tiragem para a época e para qualquer época.

Mas, então, Justino Martins assumiu Manchete em 1959, vindo de anos como seu correspondente em Paris, e as coisas começaram a mudar. Com seu olho fatal para selecionar fotografias — nunca vi ninguém igual nessa especialidade —, ele privilegiou o visual. Manchete ficou tão espetacular graficamente quanto as mulheres que estampava na capa (e das quais se dizia, com certo exagero, que muitas tinham de passar pela cama de Justino para chegar a ela). O grosso da receita editorial ainda eram os assuntos da atualidade, com fotos de impacto, mas o texto era leve, sensual, sem ser oco, e também sem ser sério demais. Uma receita difícil de executar e, se acha fácil, experimente. Em poucos anos, Manchete enterrou O Cruzeiro.

Mais do que qualquer um de seus ilustres antecessores (homens sisudos, casados, bem comportados), Justino era o elemento talhado para fazer o que ele próprio chamava, com um jeito moleque, de "revista de futilidades". Primeiro, era um homem do mundo — no mínimo, um europeu. Gostava de luxo, elegância, sol (atravessava bronzeado as quatro estações do ano), vinhos, viagens, festivais de cinema (compareceu ao

"Manchete ficou tão espetacular graficamente quanto as mulheres que estampava na capa (e das quais se dizia, com certo exagero, que muitas tinham de passar pela cama de Justino para chegar a ela)"

Festival de Cannes durante 33 anos seguidos!) — e gostava sobretudo das mulheres. Seu leque de conquistas incluía grã-finas, estrelonas, estreletes, modelos, misses, e ele não era do tipo que guardava segredo.

Mas, se Justino fosse só isso, Manchete nunca teria decolado dos salões de cabeleireiro que inevitavelmente freqüentava. E nem as usuárias desses salões deviam ter muito uso para as reportagens sobre escritores, filósofos e revolucionários que Justino misturava à receita. As dondocas certamente viravam rapidinho aquelas páginas, mas os leitores minimamente letrados se deleitavam com as matérias sobre Kafka, Hemingway, Camus, Sartre, Simone de Beauvoir, Henry Miller e até Ezra Pound, que Manchete vivia publicando. Esses escritores tinham glamour, veja só, e nós não sabíamos! Uma dessas matérias ficou clássica: de Otto Maria Carpeaux sobre um rapaz esquisito chamado Kafka, que ele conhecera em Praga nos anos 20, antes que Kafka ("Kauka", como entendeu Carpeaux) se tornasse um mito. E, em 1972, só mesmo Justino teria a idéia de criar uma série intitulada "As obras-primas que poucos leram", que, pelos anos seguintes, comportou centenas de artigos de alta qualidade sobre romances, poemas, peças teatrais, biografias e ensaios clássicos, incluindo uma minibiografia do escritor, um panorama da época da publicação desses livros e sua influência no pensamento universal. Os autores desses artigos eram intelectuais com sensibilidade jornalística, o que os tornava fáceis de apreciar pelo leitor comum. (Em 2003 e 2004, muitos desses artigos foram compilados nos quatro volumes de As obras-primas que poucos leram, editados por Heloisa Seixas e lançados pela Record. É ler para crer.)

O contraste era hilariante na própria mesa de luz de Justino na redação de Manchete. Sobre o vidro, os cromos de suas heroínas: Elizabeth Taylor, Catherine Deneuve, a pantera Silvia Amé-

"Mais do que qualquer um de seus ilustres antecessores (homens sisudos, casados, bem comportados), Justino era o elemento talhado para fazer o que ele próprio chamava, com um jeito moleque, de 'revista de futilidades'"

"Justino Martins assumiu Manchete em 1959, vindo de anos como seu correspondente em Paris, e as coisas começaram a mudar. Com seu olho fatal para selecionar fotografias ele privilegiou o visual"

lia e, mais tarde, a pioneira da tanga, Rose de Primo, eternas candidatas à capa nas semanas sem assunto. Atrás da mesa, avaliando distraidamente as fotos, Justino falava de literatura e contava histórias sobre escritores de quem dizia ter sido amigo em seus anos de Paris: André Gide, Somerset Maugham, William Faulkner, Jean Genêt, muitos outros.

"Bem, aí o Faulkner me disse...", ele começava. Os despeitados riam baixinho e se perguntavam como Justino podia saber o que Faulkner estava dizendo, já que, apesar de impecável em francês, seu inglês não passava de "I love you" ou pouco mais. Muitos achavam que Justino mentia, que não conhecia escritor nenhum e que, se algum dia passara por um banco de escola em sua cidade natal, Cruz Alta (RS), só podia ser para admirar as coxas da professora de Geografia. Havia quem o achasse definitivamente iletrado.

O que era uma injustiça. Em sua juventude gaúcha nos anos 30, ele fora revisor da Livraria do Globo, a editora de Porto Alegre que se tornaria uma das mais importantes do Brasil, e passava oito horas por dia lendo originais. A Livraria do Globo publicava Gide, Maugham e Aldous Huxley, além de Balzac, Stendhal e Proust completos, e seu diretor era Erico Verissimo, de quem Justino se tornaria concunhado ao se casar com a irmã de Mafalda, mulher de Erico. À sua maneira, levava uma "vida literária". Em 1946, quando foi para Paris como correspondente da Revista do Globo (de que tinha sido diretor), estendeu essa "vida literária" à vida real, privando com os escritores que admirava pela página impressa. Um deles, Roger Martin du Gard (famosíssimo na época por seu interminável romance Os Thibault, em 11 volumes), apresentou-o a seu herói máximo, André Gide — e Justino, segundo contava, conviveu com o autor de O imoralista e foi uma das míseras 81 pessoas que compareceram ao seu enterro em 1951.

Pois foi com essa bagagem cultural e mundana que Justino desembarcou no Rio em fins dos anos 50 para fazer Manchete. Resistir, quem havia de?

Não o Rio daquela época. Justino trazia, além disso, um simpático cinismo, que se manifestava em frases que ele pedira emprestado ao dramaturgo Sacha Guitry e que nunca se lembrara de devolver, como "A coisa mais fácil do mundo é conquistar uma mulher, e a mais difícil é se livrar dela". Imiscuiu-se na vida social da cidade a ponto de se confundir com ela e estava sempre à vontade, fosse entre intelectuais ou jogadores de futebol, padres progressistas ou pecadores assumidos, as locomotivas do Ibrahim ou as mais retumbantes mulatas. Nunca um gaúcho foi tão carioca.

E havia também o seu lado político, que de fato parecia folclórico se comparado ao seu estilo de vida. Ele era "de esquerda" — uma esquerda antiga, varguista, quase de gabinete, hiper-nacionalista. Uma das primeiras atribuições que me confiou em Manchete como repórter foi cobrir o covarde atentado a um bispo em Volta Redonda. "Quem sabe não vai começar ali a revolução brasileira?", perguntou, piscando o olho. Tudo isso contrastava com seu internacionalismo. De corpo, Justino passava o dia na redação da Manchete (à qual chegava bem cedo, sobraçando uma bolsa cheia de revistas francesas e italianas), mas, em espírito, parecia nunca ter saído de Paris, Cannes, Saint-Tropez, Veneza — cidades que conheceu no tempo em que tudo acontecia nelas. Digamos que, política e filosoficamente, ele tivesse conseguido encontrar o ponto de fusão entre Marx e Brigitte Bardot.

Trabalhei duas vezes com Justino na Manchete. A primeira, como repórter, quase um foca, de novembro de 1967 a março de 1968, ainda na inesquecível sede velha dos Bloch, na Rua Frei Caneca. Ele gostou de mim, mas a empresa não pôde me contratar — eu tinha de 19 para 20 anos e estava irregularíssimo com o serviço militar. Não me apresentara no Forte de Copacabana para servir, tinha ojeriza à simples idéia e poderia até ser preso como "insubmisso". Por causa disso — por falta de documento militar —, não podia ser efetivado em emprego nenhum. Tempos depois, um coronel reformado pela ditadura, mas ainda com bons contatos nos quartéis, deu-me uma carta e me livrei daquele abacaxi.

A segunda vez, já na sede nova da rua do Russell, foi como redator, de meados de 1970 a dezembro de 1972, numa redação como poucas nas revistas de hoje: o chefe era Mauricio Gomes Leite, e os cobras eram Raymundo Magalhães Jr., Carlos Heitor Cony, Roberto Muggiati, Cícero Sandroni, Narceu de Almeida, Marcos de Castro, Irineu Guimarães, Heloneida Studart, Flavio de Aquino e Ney Bianchi. Um verdadeiro escrete, do qual, aos 22 anos, eu era uma espécie de mascote.

Houve muitas ocasiões em que, ao deixar o texto na mesa de Justino, achei que tinha feito o serviço direito — e, minutos depois, quando ele me chamava para a mostrar as imperfeições, eu ficava abismado de não as ter percebido primeiro. É possível que Justino não soubesse escrever, mas, pode crer, ele sabia ler. E não podia haver aula melhor do que vê-lo paginando a Manchete, rabiscando a posição das fotos num diagrama com um lápis-cera de ponta vermelha, antes de entregá-las ao diretor de arte Wilson Passos. Ou a sabedoria intuitiva com que armava o espelho da revista, criando um equilíbrio perfeito entre as matérias de choque, as meramente informativas, as de curtição e, com certo desprezo, camuflando as "marretas" (matérias publicitárias pagas) entre elas. Em meu entendimento, a Manchete de Justino foi a melhor revista semanal do Brasil, e jamais superada.

Dizem que Justino era patronal, mas nunca o vi entregar um colega. Ao contrário. Quando um de seus redatores ou repórteres era demitido, Justino chamava a redação e entregava os patrões: "Foram eles..."

a dama do copo furado

por **Mônica Sinelli**

Matrícula nº 13 da Associação Brasileira de Sommeliers (ABS), imortal da Academia Brasileira da Cachaça, integrante da Confraria do Copo Furado, titular da coluna Três doses acima, no jornal O Globo, a *sommelier* Deise Novakoski, a primeira *barwoman* do Brasil, nasceu na terra da garoa, é verdade. Mas não gosta de arredar pé da Cidade Maravilhosa por absolutamente nada nesse mundo. Para ela, perder um pôr-do-sol aqui não vale o sacrifício de sair de casa para pisar em uvas na Borgonha. *Bienvenue, mademoiselle*! Que venha sua encantada e dionisíaca caixinha de aromas!

"Minha vida foi sempre dentro de restaurante. Meu pai, polonês, criava animaizinhos — como coelho, cabrito — e vendia para restaurantes. Quando ele faleceu, minha mãe, espanhola, que era cozinheira de restaurante, casou com o cozinheiro de outro restaurante, um descendente de italiano. Saíamos do colégio, eu e minhas duas irmãs, direto para o trabalho dela, fazíamos o dever de casa lá," lembra.

Em 1978, o casal — já falecido - foi convidado para trabalhar no Rio de Janeiro, na Trattoria Torna, que estava abrindo em Ipanema. Ali, aos 13 anos, Deise iniciou sua carreira, na área administrativa. Mas a arte do atendimento ao público já chamava a atenção da menina. "Eu tinha grande curiosidade em relação às pessoas. Gosto de servir, conversar. Não consigo imaginar a minha vida sem o restaurante. Não posso viver sem ele, tenho certeza disso."

A garota capricorniana fazia a contagem de produtos no final do expediente e o universo das bebidas ia exercendo nela uma atração irresistível. Queria cada vez mais migrar para o salão. "Aí, li uma entrevista de um cara dizendo que queria criar um curso para *sommeliers*. Era o Danio Braga, que estava pensando em montar a ABS. Comecei a estudar vinhos e me formei como *sommelier*. Mas cadê que eu tinha coragem de me oferecer como tal? Ninguém fazia idéia do que se tratava essa profissão. O próprio restaurante onde eu trabalhava não me respeitava como uma profissional atuando em outro setor. Vi que o Quadrifoglio estava com vaga para *bartender* e me candidatei. Era *sommelier*, mas não sabia fazer nem um kir. Me pediram para preparar um bloody mary e um dry martini, dois clássicos da coquetelaria mundial. Não era propriamente um teste. Quem comandava a casa

eram duas mulheres, Silvana Bianchi e Juarezita Santos. Acho que ter uma outra mulher ali com elas à noite foi uma coisa interessante."

Nascia a primeira e até hoje a mais famosa *barwoman* do país. "Os clientes chegavam no balcão e diziam: ´será que você pode pedir para fazer um *drink* para mim?´ Eu olhava para trás, não havia ninguém e fazia. Depois, comecei a brincar: eu mesma posso fazer?´ Isso é uma marca da minha carreira, sou muito brincalhona, o que às vezes me dá problema, principalmente com paulista, que não espera de quem serve esse tipo de conversa: é `sim senhor, pois não, senhor´. Esse serviço engessado eu não sei fazer. Não é uma coisa abusada, mas não vejo um comportamento de mordomo de luva branca no Rio de Janeiro, não combina, não tem nada a ver. Esse jeito intuitivo me trouxe uma contrapartida. A partir do momento em que comecei a tratar as pessoas com menos cerimônia, da forma como eu sentia o carioca, recebi como resposta uma amizade que foi o que me fez escolher a cidade para viver. Porque eu escolhi morar no Rio, não foi nada por acaso. Não tenho mais ninguém aqui, minhas duas irmãs moram na Califórnia há muitos anos. Não sou casada, não tenho filhos. Elegi a cidade por todas as pessoas que construí a minha volta ao longo desses 32 anos de restaurante e de Rio de Janeiro. Sou ´ficadoura`. Fiquei oito anos na Trattoria, 12 no Quadrifoglio, seis no Mistura Fina da Lagoa e estou há cinco no Eça, no Centro."

Deise afirma que durante todo esse período houve avanços significativos no planeta das bebidas, embora ainda exista muito desconhecimento no terreno dos vinhos. "As pessoas nem sabem para que serve um *decanter*, o que querem usar nele, se vão decantar um vinho com depósito ou arejar um vinho pesado. A grande maioria não sabe a diferença. Compra o utensílio porque é bonito, pega aquela jarra e bota em cima da prateleira. Hoje, todos se dizem *somelliers*. Não deixa de ser uma evolução. Antigamente, quando essa palavra era pronunciada, diziam: 'Some o quê???', brinca a colunista do Rio Show. Na Zdrowie, Novakoski!

"A partir do momento em que comecei a tratar as pessoas com menos cerimônia, da forma como eu sentia o carioca, recebi como resposta uma amizade que foi o que me fez escolher a cidade para viver"

Reserva especial

O melhor cliente é aquele que troca, que interage. Hoje, já estou na terceira geração de clientes. Eles viajam e trazem um livro, um abridor, um pano de prato, um saber, um conhecimento. Troquei e aprendi tanto com essas pessoas que acho até um abuso. Olho para trás e penso: mas que patrimônio! Meus clientes vão aonde eu vou. A maior prova disso é a minha carta de vinhos, que parece nova, que nunca foi tocada. É porque ninguém a pede. Eles querem a carta viva. Não olham o cardápio, bebem e comem o que eu indico, têm total confiança em mim. É uma vantagem que conquistei: sei quem não gosta de alho, quem não come camarão ou é alérgico a berinjela.

Três doses abaixo

O cliente mais complicado é o que exige o mesmo tratamento que ofereço a quem atendo há 30 anos. Isso não dá. Ou gente que quer sempre me contar uma coisa engraçada. Parece que sou o Didi Mocó...

Temperatura ideal

O sommelier ou o *bartender* precisa, acima de tudo, amar muito o seu ofício. Não há como fazer isso na base do mais ou menos, apenas como uma carreira, para pagar as contas no final do mês ou com a pretensão de adquirir glamour.

Líquido e certo no Rio

A bebida que eu acho a cara da cidade é o espumante, principalmente, o rosé. É charmo-

sa, circula bem em todos os ambientes - festa do periquito, batizado da boneca, casamento no Outeiro da Glória, praia. Combina com todas as comidas e é rápida. Não é feita para guardar, mas para curtir, igual ao pôr-do-sol: você viu aquele, no dia seguinte será outro. É uma bebida eclética, como o Rio de Janeiro.

Bat Cave

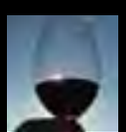
Não posso me dar ao luxo de escolher uma bebida só. Vivo disso, tenho que provar de tudo. Se me prender a uma única, vou ficar limitada. Na minha geladeira tem de tudo. Ou não tem, porque eu bebo. Há dias em que quero um porto, em outro, cerveja ou cachaça. Eu me dou esse prazer de beber de tudo. Quem envereda pelo mundo do vinho tem esse defeito de eleger uma categoria e só beber aquela. Eu tomo vinho Sangue de boi. Faço uma sangria, bebo e fico feliz com ela. Juro. Trabalho com alta gastronomia desde sempre: não vou ser feliz com um prato de arroz com feijão? Vou ficar só no *foies gras*?

ambrosia da casa

Gosto em primeiro lugar de carne vermelha. Mas não gosto de cozinha. De vez em quando me dá uma louca e eu preparo algo, mas como uma terapia mesmo. Uma coisa que me dá muito prazer é fazer massa, o que aprendi com meu padrasto. Gosto, principalmente, das que levam recheio, porque têm uma outra elaboração, uma dobra diferente. É o meu brinquedo. O barato é manipular, esticar, criar, me divertir. Invento uma coisa, deu certo, ótimo. Mas, no dia seguinte, não vou repetir aquilo. O que me angustia na cozinha profissional é justamente ter que reproduzir todo dia o mesmo prato, porque o cliente vem com aquela referência gustativa, com uma memória, ele quer comer exatamente daquele jeito.

Jardins do Éden

Eu me interesso por tudo, não sou de gueto, de turma. Gosto da carne-de-sol, do caldinho de feijão e da caipirinha da Academia da Cachaça, da picanha do Cantinho do Leblon e da Majórica, do Carpano com casquinha de laranja do Gero, do chope da Adega Flor de Coimbra, no prédio onde morou Cândido Portinari, na Lapa. E de beber vinho no Symposium e no Empório Santa Fé. Tenho horror desses lugares onde não é você quem escolhe a comida, mas a comida é que te escolhe, como rodízios e quilos, aquela aflição, aquele bota-bota...



"A harmonização ideal é esse equilíbrio da estrutura de comida e bebida. Como uma combinação de cores, o preto com o branco. Você pode até sair vestido de Olodum, mas... na Bahia"

segredos da harmonização

É tudo uma questão de bom senso, sem radicalismos. Não vamos pensar em colocar um tagliatelle, uma massa fininha, feito na manteiga, um pratinho todo inocentinho com um vinho estruturadão, pesado. Para que humilhar o *tagliatelle*? Da mesma forma, não dá para pegar um vinho bobagentinho, levezinho, um tintinho todo fraquinho para acompanhar uma perna de cordeiro. Melhor tomar água. A harmonização

ideal é esse equilíbrio da estrutura de comida e bebida. Como uma combinação de cores, o preto com o branco. Você pode até sair vestido de Olodum, mas... na Bahia.

Casamento insuspeitado

Em um concurso de sommeliers, um deles sugeriu um espumante tinto seco Lambrusco para ser degustado com feijoada. Aquilo era inusitado. Ninguém nunca tinha pensado em outra bebida com feijoada que não fosse caipirinha. E fica ótimo, porque a uva rústica daquele espumante, com muito tanino, atua na dissolução da gordura do prato, o que ajuda na digestão.

Pitacos de felicidade

Ninguém precisa de ajuda para comprar vinho pedra 90 ou uma bolsa Prada. Só precisa de dinheiro. Na minha coluna no Globo, eu troco com aquela pessoa que não tem dinheiro para sair, mas quer curtir a vida, quer ser feliz, quer fazer uma graça no final de semana. Então, dou uma receita de um drink para ela fazer com Campari em casa. Não escrevo só sobre vinhos, falo de tudo um pouco, dou dicas de lugares.

Brinquedo de estimação

Tenho uma caixa com 150 aromas importantes do vinho e adoro fazer essa brincadeira de adivinhá-los com as pessoas.

Literatura do balaco baco

Um livro bem bacana e com ótimo preço é a Bíblia do Vinho, da editora Record — um estudo belíssimo para o amador.

O sole mio

Viajo muito mais do que gostaria, porque, contraditoriamente, não gosto de viajar. A maioria das pessoas abraça a carreira do vinho para viajar. Não é meu perfil. Gosto de ficar no Rio, a cada vez que viajo acho que perdi um dia da cidade, um pôr-do-sol. Não preciso ver um vinhedo da Borgonha florescendo, pisar na uva, para tomar um vinho da região. Já viajei o mundo todo, onde tem vinhedo eu fui, mas porque precisava. Sempre saio da minha casa sofrendo muito.

"Em um concurso de sommeliers*, um deles sugeriu um espumante tinto seco Lambrusco para ser degustado com feijoada. Aquilo era inusitado. Ninguém nunca tinha pensado em outra bebida com feijoada que não fosse caipirinha"*

Pique no lugar

Tenho preguiça de andar, sou parada mesmo. Gosto de ficar sentada: se começar a me mexer muito, me dá labirintite. Gosto de jogar dominó, carteado, tudo que é sentado. Não vou nem à manicure em lugar que tenha escada para subir. O que eu gosto é de receber gente em casa. Vou para o bar e faço um *drink* especialmente para cada um.

Era uma vez a mesbla...

por ILAN BAR

Até parece que foi ontem. Quem tem mais de 25 anos, com certeza, irá se lembrar de um dos mais marcantes *jingles* do Natal. "Na Mesbla, na Mesbla, o maior Natal do Brasil, compre agora, sem entrada, e só comece a pagar em abril". Sem falar, no relógio, grandioso, na torre da loja do Passeio, que no fim do ano brindava a cidade com sua estrela de múltiplas luzinhas. Inesquecível!

A marca, um dos maiores ícones do varejo no país, era a sigla de Mestre & Blatgé, empresa de origem francesa, com sede em Paris, instalada entre nós desde 1912.

Mas o início não indicava que esse seria, além do maior magazine do Rio, uma empresa que participaria ativamente da cultura da cidade. A Mestre & Blatgé que primeiro funcionou no prédio de número 83 da Rua da Assembléia era especializada no comércio de máquinas e equipamentos.

A filial brasileira não teve bom desempenho por aqui e, depois de quatro anos de sua instalação, foi entregue ao francês Luiz La Saigne, que até então trabalhava na filial de Buenos Aires.

Entre as muitas mudanças que La Saigne promoveu, estava a da transformação, em 1924, do estabelecimento numa firma autônoma, a Sociedade Anônima Brasileira Estabelecimentos Mestre & Blatgé que em 1939, passou a se denominar simplesmente Mesbla. A fusão das primeiras sílabas trouxe sorte aos negócios e começava, então, a surgir aquela que seria a maior loja de departamentos do país. Um pouco depois a filha de La Saigne viria a se casar com Henrique de Botton. Ele com seu filho André comandaram a expansão da empresa até os anos 1980.

Já na década de 50 a Mesbla já tinha lojas instaladas nas principais capitais do país e em algumas cidades do interior. A loja do Rio, na Cinelândia, era um capítulo à parte. No fim dos anos 50 inauguraria um teatro que foi marco

A peça "Calúnia", de Lílian Hellman, seria a primeira de uma série que Tonia Carreiro, Adolfo Celi e Paulo Autran levariam ao palco do Teatro Mesbla

de grandes montagens das mais renomadas companhias. A inauguração do espaço, em março de 1958, se deu com a companhia Tonia-Celi-Autran (CTCA), que por lá esteve até a sua dissolução, em 1961. A peça, "Calúnia", de Lílian Hellman seria a primeira de uma série que Tonia Carreiro, Adolfo Celi e Paulo Autran levariam àquele palco. O repertório mesclava a montagem de textos clássicos e modernos da dramaturgia universal, como "Negócios de Estado", de Louis Vermeil, ainda em 1958, passando por "Seis personagens à procura de um autor", de Luigi Pirandello, em 1959 com figurinos de Arlindo Rodrigues, até a estréia, em 1961, de "Lisbela e o prisioneiro", de Osman Lins, com direção de Celi e Carlos Kroeber e no papel principal, Tônia Carreiro. O palco também foi ocupado por outros grandes nomes como Cacilda Becker e Fernanda Montenegro.

O restaurante Mesbla era ponto de encontro de executivos durante a semana, à noite e nos fins de semana, recebia aqueles que vinham para ver as peças

Se freqüentar o Teatro Mesbla era obrigatório para quem queria estar inserido no que melhor se produzia na cidade, o restaurante, com sua vista panorâmica, boa comida e requinte, não ficava atrás. Ponto de encontro de executivos durante a semana, à noite e nos fins de semana, recebia aqueles que vinham para ver as peças.

Além da vasta produção cultural que oferecia, a Mesbla do Passeio estava presente na vida de todos os cariocas. A Torre da Mesbla não era uma torre comum. Nela, um grande relógio mostrava as horas do dia com uma precisão britânica. Além disso, tinha um sistema visual

para anunciar a previsão do tempo. Todos os dias, às 19h, de acordo com as informações do Escritório de Meteorologia do Ministério da Agricultura, eram hasteadas bandeirolas cujas cores variavam conforme a previsão válida para as próximas 24 horas, podendo, entretanto, haver mudanças súbitas, com a chegada de "frentes frias". Coisas do Rio.

As bandeirinhas podiam ser avistadas a grande distância, tanto pelos prédios das redondezas como por quem transitava pela cidade. À noite, o sistema funcionava de maneira diferente. Com luz branca, tempo bom; vermelha, variável e negra, ameaçador. Não havia, como hoje, todos os recursos de que dispõem os serviços de meteorologia, mas para a população o que valia era o que estava no alto da torre. Era uma questão de tradição e credibilidade. Para que as pessoas conhecessem os significados das bandeirinhas, a Mesbla distribuía aos clientes, calendários que traziam no verso, o que significavam as várias combinações formadas pelas cores das bandeirinhas.

A Mesbla, que em 1986 foi escolhida pela revista Exame como a melhor empresa do Brasil, chegou a ter 180 pontos-de-venda e empregava 28 mil pessoas. Suas lojas sempre eram de grande porte, raramente inferiores a 3 mil metros quadrados. A empresa que encerrou suas atividades no fim dos anos 1990 deixou saudades nos seus funcionários que se orgulhavam tanto em trabalhar lá que diziam que só não vendiam caixões, porque eram para os mortos. Para os vivos tinham todas as mercadorias, de botões a lanchas e automóveis.

Para os cariocas, com mais de 25 anos, a torre com sua estrela vão ser sempre lembrados como um marco da cidade.

A Torre da Mesbla não era uma torre comum. Nela, um grande relógio mostrava as horas do dia com uma precisão britânica. Além disso, tinha um sistema visual para anunciar a previsão do tempo

Minha sinfonia do Rio

Jório Dauster

Embaixador, tradutor e presidente do conselho da Brasil Eco Diesel

Tive o melhor, se não dos dois mundos, certamente dos dois Rios: passei minha infância e juventude na Tijuca e, dos 17 anos em diante, morei na Zona Sul. Assim, fui no começo da vida um típico personagem dos Anos Dourados — estudante do Colégio Militar fortemente ligado ao Instituto de Educação, onde minha mãe era professora e minha irmã era aluna — para depois gozar daquela época divina de Copacabana e Ipanema, a segunda metade dos anos 1950, que, em agradecimento pelas muitas graças recebidas, brindou a humanidade com a Bossa Nova. Difícil explicar a sensação estuante de passar o dia no Arpoador, batendo papo, jogando linha de passe, pegando jacaré em ondas amistosas, e ver o sol dar aquele espetáculo irreproduzível ao se pôr detrás do Dois Irmãos, sabendo que ainda viria uma noite de violão e música boa de dançar, Dolores Duran no Beco das Garrafas...É muito chato ficar tirando uma de saudosista, mas parece incrível que os jovens de então pudessem se badalar lindamente turbinados por algumas Cuba Libres e Gin Tônicas, sem drogas e sem violência.

Como diplomata, passei grande parte da minha vida adulta fora do Rio, até porque o Itamaraty teve de mudar-se para Brasília. Só quando assumi a presidência da Vale do Rio Doce, em 1999, voltei a viver no Rio e, embora mantenha uma casa em Brasília, o bom mesmo é ver as Ilhas Tijucás do *deck* do meu apartamento na Barra. Tendo conhecido uma boa parte do planeta, nunca vi lugar mais lindo, mais apaixonante do que esta cidade. Mas é pena que as autoridades se revelem impotentes ou inapetentes para conter a destruição do verde que cobre essas montanhas mágicas e a poluição que emporcalha nossas praias, enquanto a bandidagem desenfreada impede que exerçamos o direito mais humano de passear pela orla sem correr risco de vida.

Mas o Rio ganha mesmo é pelo conjunto da obra, o somatório de tudo. Imagine, por exemplo, compor uma imagem em que entrem coisas como a vista da enseada de Botafogo num dia de sol radioso; aquele tremelicar das entranhas quando a bateria de uma grande escola explode no Sambódromo; o primeiro mergulho no mar e o primeiro gole do chope gelado; o Theatro Municipal numa noite de gala; o grito de gol no Maracanã num dia de Fla-Flu decisivo; a cordialidade gratuita de alguém que você nunca viu e jamais reverá. Cada um de nós tem sua própria colagem de vivências, sua sinfonia do Rio.

E acho que ninguém é carioca impunemente, para o bem e para o mal. Uma bela característica de gente que nasceu aqui está na capacidade de rir de si mesmo, de não levar as coisas de forma tão séria que prejudique a alegria maior de estar vivo. Creio que esse espírito algo moleque mas sempre criativo esteve comigo por onde andei e só queria que ele não se perdesse ao peso de certas forças desagregadoras que hoje se sente nas ruas e nas casas do meu Rio.

TODOS OS DIAS, O 190 RECEBE EM MÉDIA 27.000 LIGAÇÕES.

POR ISSO, INVESTIMOS EM MAIS TECNOLOGIA E VIATURAS.

TODOS OS DIAS, O 190 RECEBE EM MÉDIA 8.000 TROTES.

POR ISSO, INVESTIMOS NESTE ANÚNCIO.

Em 2007, o sistema 190 foi remodelado para ganhar agilidade, segurança e eficiência. O 190 agora atende as ligações telefônicas imediatamente. Para acelerar a resposta às chamadas, 632 novos carros foram entregues à polícia. Estamos empenhados em responder a você melhor e mais rápido. Mas existem outros desafios que só podem ser vencidos com ajuda da população. O 190 recebe uma média de 27.000 ligações diárias. **Apenas uma em cada cinco chamadas é emergência verdadeira.** Trotes, ligações mal direcionadas e pedidos de informação atrasam o atendimento de quem realmente precisa.

AJUDE A POLÍCIA A AJUDAR VOCÊ.
USE O 190 CORRETAMENTE.

190. Agora com mais de 600 novas viaturas.

GOVERNO DO Rio de Janeiro

SOMANDO FORÇAS

SECRETARIA DE SEGURANÇA

Antecipe até 100%* da sua restituição: indique o Bradesco na Declaração do Imposto de Renda.

Para antecipar a sua restituição, indique o Banco 237 - Bradesco como domicílio bancário na Declaração do Imposto de Renda. São mais de 3.000 agências, uma sempre perto de você. Se você ainda não é cliente, abra já a sua conta e descubra os benefícios de ser cliente de um Banco completo.

Crédito Bradesco. Ao seu alcance.

0800-CRÉDITO
0800-2733486

*Crédito sujeito a aprovação para clientes que indicarem o Bradesco como domicílio bancário na sua Declaração do IR 2008. Antecipação de 100% - Condição exclusiva para clientes de PAB, PAE e Folha de Pagamento. Conheça também as demais condições.

Bradescompleto

Bradesco

www.bradesco.com.br